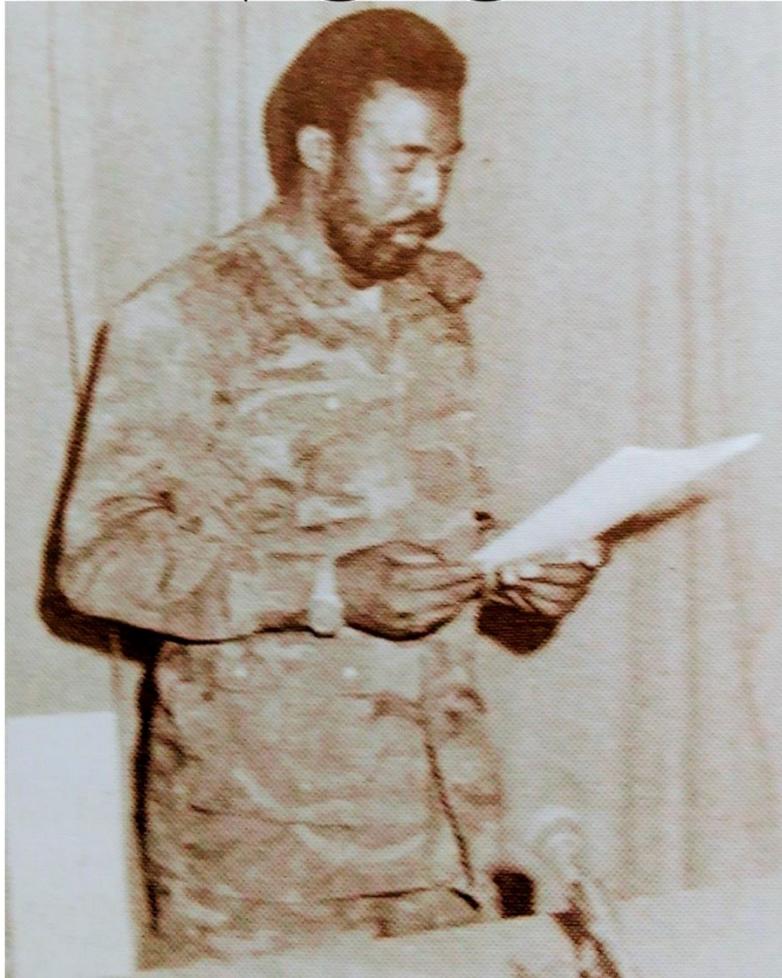


CUNENE A BAINHA PARA A GUERRA SUL-AFRICANA EM **ANGOLA**



VOL - 09

FRANCISCO COELHO MATROQUELA

PEDRO MUTINDI O MAIOR GOVERNADOR DO CUNENE



CUNENE A BAINHA PARA A
GUERRA SUL-AFRICANA EM

ANGOLA

VOL - 09

Francisco Coelho Matroquela

PEDRO MUTINDI O MAIOR GOVERNADOR DO CUNENE

Ficha Técnica:

Título: Cunene a Bainha Para a Guerra Sul-Africana em Angola

Autor: Francisco Coelho Matroquela

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA "

Texto: Palatino Linotype 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Índice

DEDICATÓRIA	8
AGRADECIMENTOS	10
RESUMO	12
ABSTRACT	14
PROLÓGO	16
INTRODUÇÃO	20
NOTAS BREVES.....	24
1- OPERAÇÃO IAFUTURE (1975)	36
2- OPERAÇÃO SAVANNAH (1975-1976)	40
3- OPERAÇÃO KROPDOF (1977)	45
4-OPERAÇÃO REEINDER (1978).....	47
5-OPERAÇÃO SKEPTIC (1980).....	48
6-OPERAÇÃO PROTEA (1981).....	50
Nota introdutiva.....	50
6.1-Ataque ao Humbe (23 de Agosto).....	51
6.2-Ataque à Xangongo (23 de Agosto).....	52
6.4-Ataque à Peu-peu (24 de Agosto)	54
6.5-Ataque à Môngua (25 de Agosto).....	55
6.6-Ataque à Ondjiva (27 de Agosto)	56
Conclusão.....	58

7-A OPERAÇÃO KERSLIG (1981)	60
Conclusão.....	65
8-OPERAÇÃO SUPER (1982)	68
9-OPERAÇÃO SAVATE (1983)	70
10-OPERAÇÃO ASKARIS (1983-1984)	74
10.1-Ataque à Mulondo	74
10.2-Ataque à Cahama	76
10.3-Ataque à Cuvelai	78
11-OPERAÇÃO FORTE (1985).....	82
12-OPERAÇÃO WALPAPER (1985)	84
13-OPERAÇÃO ALPHA CENTAURI (1986).....	86
14-OPERAÇÃO MODULAR (1987).....	88
15-OPERAÇÃO HOOPER (1987).....	89
16-OPERAÇÃO PACKER (1988).....	90
17-OPERAÇÃO DESPLACE (1988).....	90
CONCLUSÃO	91
18-A BATALHA DE CANGAMBA (1983).....	92
(Gentileza da Dra Ondina filha de Angola e Cuba, filme)..	92
O POSFÁCIO PREAMBULAR	98
LISTAS DE ALGUNS COMANDANTES E COMBATENTES DAS FAPLA	110
LISTA GERAL DAS OPERAÇÕES	118

LISTA DOS PRINCIPAIS DIRIGENTES MILITARES ..	122
AS SENTINELAS DO SUL UM SÉCULO DEPOIS.....	132
Antecedentes históricos.....	133
Organização e preparação da campanha	135
Condução da batalha	138
Conclusões	143
2. A Batalha da Môngua.....	144
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	150
REFERÊNCIAS	154
ALBUM.....	156
SOBRE O AUTOR.....	180

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus filhos e filhas que durante todo o tempo que servi nas Forças Armadas, sendo, 16 anos nas FAPLA e 29 anos nas FAA, não pude dar atenção, amor e carinho que bem mereciam, tudo em nome da pátria. Aqui está presente a principal razão das privações ao me cruzar com a história. Tudo o resto encontra enquadramento nas consequências de uma guerra.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a maior compreensão por parte de todos que me são queridos e que directa ou indirectamente, contribuíram para que este trabalho fosse possível.



RESUMO

Neste trabalho faz-se uma abordagem lacónica de 17 operações militares da SADF das 50 realizadas contra Angola, de 1975 a 1988 (cerca de 13 anos), nos mandatos de Nico Diederichs, John Vorster, Marais Viljoen, Pieter Willem Botha, onde estão presentes as seis maiores operações, e, curiosamente na lista por eles elaborada, a operação IAFuture por razões de segredo, não consta porque na verdade, o mundo e os próprios cidadãos da África do Sul ficaram a saber depois das transformações operadas nos últimos anos. Pelas mesmas razões, não são detalhadas aquelas operações conjuntas entre as SADF e FAP realizadas ainda no período colonial.

Apesar de que a nossa pretensão era de uma vasta abordagem sobre a presença sul-africana na guerra de Angola, não é possível apresentar com pormenores em larga escala todas as operações, ou ainda, fazer presentes todos elementos necessários para análises científicas que se desejam, ou seja, que muitos historiadores gostariam de obter para desenvolver os seus trabalhos.

A metodologia utilizada neste trabalho que julgamos ser uma ferramenta científica foi baseada em pesquisa bibliográfica, análise de conteúdos, a observação pessoal, o método comparativo e a dedução.

ABSTRACT

This work takes a laconic approach to 17 military operations of the SADF of the 50 carried out against Angola from 1975 to 1988 (about 13 years), in the several mandates since Nico Diederichs, John Vorster, Marais Viljoen, Pieter Willem Botha, where the six largest operations are present and, curiously the IAFuture operation for reasons of secrecy, does not appear because in fact the world and the citizens of South Africa themselves became aware after the transformations operated in recent years. For the same reasons, those joint operations between the SADF and FAP carried out during the colonial period are not detailed.

Although our intention was for a broad approach to the South African presence in the Angolan war, it is not possible to present in detail on a large scale all the operations, or even to make present all the elements necessary for scientific analyses that are desired, or that many historians would like to obtain for their work.

The methodology used in this work, which we believe to be a scientific tool, was based on bibliographic research, content analysis, personal observation, comparative method and deduction.

PROLÓGO

Estes apontamentos, apesar de tratar com maior incidência acontecimentos que tiveram lugar na Província do Cunene, com certeza tiveram ramificações para o Namibe e para a Huíla. Mas também foi na Huíla concretamente na sua capital Lubango, onde se situava o Estado-Maior da Frente Sul, que depois da independência veio a transformar-se em 5ª Região Político-Militar.

O Estado-Maior da Frente Sul, no período no ano 1975 teve como autoridade máxima, isto é, Chefe do Estado-Maior o Comandante Manuel Francisco Tuta “Batalha de Angola”, o Comandante Gabriel Kapofi “Cow-Boy”, Chefe das Operações, isto é, a segunda figura da hierarquia militar da Frente. O Comissário Político foi o Comandante Bota Militar.

Com a morte do Comandante Cow-Boy logo na primeira invasão Sul-africana a Ondjiva, veio para o cargo de Chefe de Operações o Comandante Jorge Albano “Dack-Doy”, que viria tombar em Outubro como consequência da segunda invasão Sul-africana a Angola.

Falando de Estabelecimento de Ensino Militar nesta região começaríamos por destacar o Centro de Instrução Revolucionário (CIR) do Kapangombe, aí depois da Leba no território da vizinha província do Namibe, que fora criado pelos comandantes Quatro de Fevereiro, Kibeto e Chico-dia-Muxima só para citar alguns. Isto foi lá para os meses de Março de 1975.

Na mesma altura fora criado no Sector Menongue o CIR no Tukuve e mais tarde o CIR Peu-Peu em Xangongo onde se destacou o Comandante Vigal e o Comandante Pedro Van Dunem foi a figura de Popa.

Em Julho era criado no Lubango o CIR Domingos Pedro, aí onde hoje é o Comando da Região Militar Sul. O CIM Dack-Doy, Centro de Instrução Militar na Humpata foi criado logo após a independência nacional. O CIM Dack-Doy surgiu na necessidade de uma preparação de efectivos para formar unidades regulares ao contrário dos anteriores CIR's.

Nesta nova perspectiva apareceram instrutores com alguma preparação aprimorada, onde se destaca o Comandante Planta Muene-Ngó, de verdadeiro nome Francisco Lopes de Carvalho, Amadeu Maria "Escrima", Alfredo Pereira "Leão", Alfredo da Silva Matari, Bejamin Josefa Kapata, João Moreira de Chagas Júnior e Agostinho Paulo Neto "Tungané, idos da Frente Leste (CIR Kazaje), tarefa que para a qual jogou papel relevante o então Major Matos na qualidade de Director do Gabinete das Academias Militares de Angola GAMA.

Na transformação da Frente para Região, o primeiro Comando formou-se com as seguintes figuras.

- 1- Major Miguel João Luís "Ivady"-Comandante
- 2- Major Russo Fidel-Chefe do Estado-Maior
- 3- Major Mau-Chefe de Operações
- 4- Major Sambalanga-Chefe do Reconhecimento

5- Major Ser Fiel-Chefe Logístico

O primeiro Comissário Provincial foi o Major Emílio Braz.

INTRODUÇÃO

O facto de fazer fronteira com o país ilegalmente ocupado por tropas do regime mais hediondo na face da terra, em finais do século-xx, logo desde o início a província do Cunene foi a primeira e a principal vítima das incursões da SADF.

Segundo W. S. der Waals (pp n.d.), a presença da Africa do Sul na guerra de Angola foi de 1966-1974. Há detalhes que só se tornaram públicos em 1989 já na época de Frederik Willem de Klerk, o democrata, com o primeiro relatório completo da SADF sobre “o envolvimento da Africa do Sul na guerra civil de Angola”. Não obstante aos arquivos oficiais já abertos ao público e tenham vindo à luz bibliográfica variada sobre o assunto a situação em 1999 era bem diferente, considerando que a maioria do material relevante ainda se mantinha confidencial. Daí que a questão tenha sido tratada de forma superficial, utilizando os registos oficiais então disponíveis e outras fontes por vezes especulativas.

Como complementos das acções de cooperação entre a Polícia Sul-africana (SAP) e SADF com as forças do governo português na então Província de Angola foram implementadas medidas na região Norte do Sudoeste Africano, isto, a partir de 1966. Para além da SAP foi preciso destacar tropas da SADF na Faixa do Caprivi. Neste quadro a SAP trocava informações com a PIDE em Menongue. Tal processo facilitava a perseguição dos guerrilheiros do PLAN no território angolano, por sua vez, isso deu a necessidade de um planeamento conjunto para as

operações combinadas. A SAAF posicionou a partir de 1966 helicópteros em território angolano.

Tiveram lugar visitas dos ministros de Defesa de Portugal e da África do Sul, igualmente aconteceu ao nível das Forças Armadas. Ora bem, acções a esse nível deram origem a empréstimos da AS ao Estado português a compra de material militar (equipamento específico). Foi assim que se criou o 1º Agrupamento Aéreo no Rundo em Maio de 1968, com o objectivo de apoio e coordenação às operações das forças dos dois lados. Do lado de Angola foi criado o Posto de Comando no Cuito-Cuanavale e as acções eram efectuadas no território do Cuando-Cubango e no Sul do Moxico com toda a precaução para nunca fazer parte dos choques entre a UNITA e o MPLA. O PC (PC Aéreo) mais tarde seria instalado em Menongue.

Na medida que as acções do PLAN da SWAPO se intensificaram na Faixa do Caprivi em Julho de 1968, fez com que fossem criadas as (GOC) Forças Conjuntas de Combate e cobria as regiões semiautónomas do Caprivi, Kavango e Ovambo que fazem fronteira com Angola. No ano 1973 a SAP entregou a responsabilidade a SADF.

...A estrita colaboração existente entre o Comandante-Chefe de Angola e GOC das Forças Conjuntas da Africa do Sul começou em 1968 com o término em 1974. Os generais Frazer e Costa Gomes e mais tarde o general Luz da Cunha e seus colaboradores encontram-se frequentemente em Luanda para discutir assuntos internos em comum.

Na sua vã tentativa de afogar em sangue a jovem República nascente ia destruindo as poucas infraestruturas restantes e sobreviventes as anteriores pilhagens, através de raids aéreas perpetradas pela SAAF, ou através de infiltração dos seus agentes que no interior realizavam actos de sabotagem económica e social. Não se excluía minagens das vias de acesso das populações, nas povoações e lavras, raptos e outros actos diabólicos que dificultavam ainda mais o gizar de projectos de desenvolvimento sócio-económico da província.

Em resumo era este o quadro com que Kundy Payhama (o cabouqueiro-mor das terras de Mandume, Chietekera e Luhuna) se deparou ao chegar ao Cunene.

Nos períodos seguintes, a aviação táctica da SAAF fazia raids nos quais não poupavam viaturas militares ou civis que encontravam nas vias.

Para um enquadramento vasto convém enumerar muitos dos actos e operações clássicas que consistiram em acções do governo de Pretória.

Para se ter uma ideia vasta e entendimento sobre as atrocidades do regime racista sul-africano da época e das vicissitudes pelo que o povo heróico do Cunene passou convém-nos apresentar por acções e de acordo as denominações de código atribuídas as acções para as suas aventuras.

NOTAS BREVES

Com a proclamação da Independência de Angola e a sua constituição em República Popular, aos 11 de Novembro de 1975, o Cunene toma o estatuto de Província. No período colonial o Cunene tornou-se Distrito por Decreto 399/70, de 16.7.1970 (B.O. Boletim Oficial 173, de 25.7.1970) e Decreto 50/71, de 23.2.1971-B.O. 57).

A sua capital tem o nome de Ondjiva. Foi assim que sempre se chamou antes de ser substituída pelo nome de Pereira D'Eça por Portaria 166 (B.O.37 de 1923).

Tem uma superfície de 77.213 quilómetros quadrados com uma população estimada em, aproximadamente, 577 000 habitantes (em 1999) e uma densidade populacional de 7,4 habitantes por quilómetro quadrado. Tem seis municípios (Cuanyama, Ombadja, Namakunde, Cahama, Curoca e Cuvelai), 20 comunas e 377 aldeias e povoações (Gentileza do Mr Jeremias, GCI/GPC/1999)

Limita à Norte com a província da Huíla, à Leste com o Cuando-Cubango, a Oeste com o Namibe e a Sul partilha uma fronteira estatal com a República da Namíbia, numa extensão de 440 quilómetros dos quais 120 são fluviais e os restantes 320 são

terrestres, definidos convencionalmente, no sentido EW a partir do Olupale (Marco-34), até ao Monte Negro (Marco-1).

Ondjiva, sede do município do Cuanyama, está edificada sobre um ‘mufito’ típico, que se alonga numa extensão de cerca de 5 quilómetros quadrados na direcção NW-SE. Na direcção EW não ultrapassa 1000 metros. É rodeada de chanas dentre as quais à Norte a de Nakupila, à Leste a do Kahalanga, à Oeste a de Ondjiva/Ipembe e à Sul a de Namwé.

Os historiadores e etimologistas são unânimes em fazer derivar o nome de “ondjeeva” que é um cinto de couro usado pela mulher Cuanyama, não só em cerimónias mas também no seu dia-a-dia. Consideram o termo como uma corruptela inglesa que pronuncia os dois ‘ee’ como ‘i’ e adoptada pelos colonialistas portugueses, na escrita.

Do ponto de vista geológico, Ondjiva está situada no extremo Noroeste da grande depressão do Bechuanaland, designada com o nome de Kalahari e que ocupa, no Sul do continente africano, mais de três milhões de quilómetros quadrados. Surge ainda um afloramento grés calcário de cor branca e pouco consolidado e que, na região, constitui uma “pedreira” donde se pode extrair pedra para construção. O solo de Ondjiva é de natureza ácida e raro em elementos fertilizantes.

A actividade principal do povo do Cunene é a pecuária (muito desenvolvida), sendo a agricultura, de subsistência, em menor escala. Cultiva-se geralmente o massango (em grande quantidade) e a massambala em menor escala. Existem também pequenas indústrias de metalurgia tradicional e, em franco desenvolvimento, as indústrias de carnes e derivados, a de madeira, a de materiais de construção e o comércio a grosso e a retalho.

O clima do Cunene é variável, sendo semi-desértico no Sul e tropical de atitude no Norte. As quedas pluviométricas são irregulares, existindo anos em que são intensas, contribuindo para se preservar as grandes reservas artificiais—chimpaca—suficientes para épocas ou anos seguintes. Nessas situações, as chuvas chegam a danificar a maior parte das culturas. Em contraste, há épocas de seca severa com todas as consequências económico—sociais que lhe são inerentes, como aconteceu nos anos de 1915 a 1917, 1938 e 1958 só para citar alguns por exemplo.

A flora é bastante rica, existindo árvores como o majestoso embondeiro, o Omupapu (também conhecido como Pau—ferro), a Mupalala, a Mupanda, o Mukuyu, a Mulemba, o Munhandy e outras que constituem recursos madeireiros de excelente qualidade.

Encontramos a palmeira de leque e arbustos de pequeno e médio porte, muitos dos quais usados na medicina tradicional (suas raízes, folhas, cascas ou sementes).

Em 1970, foi gizado um projecto de plantação, no perímetro de Ondjiva, de cerca de 2500 girassondes ou mulilahonde e 5000 Mussivi, não tendo sido concretizado devido a estiagem que se verificou naquele ano.

A fauna do Cunene é bastante rica e diversificada estando, na sua maior parte confinada ao Parque Nacional da Mupa e à Reserva Parcial do Onkókwa, na região do Curoca, onde avultam animais como o elefante, o Búfalo, o Rinoceronte, o Leão, a Zebra, onças, Hipopótamos, Girafas, a Avestruz, o Holongo, a Cabra de Leque, as Gungas, a Palanca Vermelha, Impalas, o Cudo, Carimabas, etc., para além de aves exóticas de grande, médio e pequeno porte.

Nos seus maiores rios, Cunene e Cuvelai, pesca-se em abundância peixes de variadíssimas espécies e de grande valor económico destacando-se a Kimaya, bastante apreciada na região, o bagre e o Bacalhau de água doce conhecido pelo nome de 'Mbanda'.

Como vemos, os recursos hídricos que o Cunene possui são muitos e de grande importância, contribuindo não só para o desenvolvimento da província mas também de países vizinhos.

Cunene é nome de um rio de Angola que traça parte da fronteira com a Namíbia. O rio Cunene nasce nas Boas Águas, Huambo, no Planalto Central de Angola, correndo para Sul até atingir as quedas do Ruacaná, a partir de onde inflecte para Oeste até à sua foz no Oceano Atlântico. Tem um curso de cerca de mil e duzentos quilómetros e a sua bacia hidrográfica cobre uma extensão de cerca de duzentos e setenta e dois mil quilómetros quadrados.

Lopez Luna, célebre explorador espanhol, supôs que desaguava no Índico. Em 1824, o inglês Chapman, explorou-lhe a foz e chamou-a de Nursa, sem a ter identificado com a do Cunene. O húngaro Ladislau Nagia explorou o seu curso inferior, assim como o missionário Espiritano francês Charles Duparquet - entre 1857 a 1867. O mérito do seu conhecimento é atribuído a Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens que o exploraram entre 1853 e 1854, facto no entanto discutível.

A região que é hoje ocupada pela província do Cunene é parte de uma outra, antes conhecida pelo nome de Cimbebásia e que englobava o estado Dámara e ainda o Namibe, Evale, Cafima, Cuanyama, Ombarandu, Ombadja, Ovampo, Orundukomutwe, Kwarude e Ngandjera como regiões mais importantes.

Tinha como limites os rios Orange à Sul; Cassai e Zambeze à Norte e a Nordeste respectivamente, o Oceano Atlântico à Oeste e, para o interior, limite indeterminado, ou seja, o equivalente a parte Cuanyama de Angola (a Sul do rio Cunene), à Namíbia, ao Botswana e Zimbabwe.

Os historiadores consultados não explicam ao certo como surgiu o termo 'Cimbebásia'. Lê-se, apenas, no escrito de Duarte Lopes, citado por Carlos Esterman no seu livro "Etnografia do Sudoeste de Angola": "Para lá do Reino do Congo, memoramos encontrar-se as terras de El-Rei de Angola e daí para a banda de Boa Esperança, um reino que se denomina de Matama e as províncias dominadas por ele, ditas Cimbebas. Este reino, como dissemos, dilata-se desde o primeiro lago até ao rio Bavagul (nome pelo qual era conhecido o Zambeze)".

No seu livro “Viagens Na Cimbebásia”, Charles Duparquet apresenta um mapa onde, de entre outras, apresenta como fazendo parte da região, as apresentadas atrás.

A região à Sul do rio Cunene e ainda parte do actual Humbe era conhecida por dupla toponímia: ‘Ovampo’ e ‘Ovambo’, que englobava apenas o Cuanyama e o Cuamato, cuja ocupação colonial, como verá, foi apenas efectivada na segunda década do Século-xx. A toponímia Ovampo terá vindo de ‘Ompho’ (avestruz) já que a região era rica nestas aves. ‘Ovambo’ terá vindo de ‘Otchihambo’ – “sacola que os habitantes traziam a tiracolo para levar comida e outras miudezas de que precisavam”. É esta a explicação que o missionário Espiritano Alfred Keiling, em “Quarenta Anos de África”, arrisca.

Quanto a toponímia ‘Cuanyama’, os etimologistas são unânimes em fazer derivar a palavra de ‘onyama’. O etnógrafo Carlos Esterman (Obra Citada) refere-se a lenda nos seguintes termos: “Corre de boca em boca que uma facção da tribo ‘donga’ se estabeleceu no Norte em floresta desocupada, por lá ter encontrado muita caça e abundante peixe no tempo chuvoso. O soba enviou os emissários ordenando-lhes que regressassem à terra tribal. Não quiseram e o régulo acabou por dizer ‘deixai-os lá com a sua carne’”.

Consta ainda que a região terá sido um imenso lago de que hoje apenas resta o lago Etosha. O desaparecimento da água

terá deixado um solo salitroso, chamariz para animais da floresta. Atraídos pela caça, os caçadores para lá se dirigiam, saudando-se mutuamente: “tuyeni” k’onyama (vamos caçar)”. (...). Assim surgiu o vocábulo Cuanyana.

Quanto a origem das populações da região, os cuanyama, Esterman fá-los vir das tribos herero-donga. Quanto aos seus sobas, fala-se que vieram de Quilengues, mais propriamente de Ohale, no Sudoeste da montanha Tyissila ou Tchissila, considerando-se deste modo, da raça dos Ovimbundus, parentes dos Vamuílas.

Esterman acrescenta que “pertencem ao grupo mais recente dos invasores banto (400 ou 500 anos) mostrando uma mistura de sangue hamítico. (...) Gentes que a si mesmo se dá o título de ‘filhos do sol’. Povos de elevada estatura, esbeltos e elegantes, altivos e inteligentes, olhando o branco de frente, duma nobreza e carácter e duma dignidade verdadeiramente impressionantes”.

Esta região, avassalada na sua totalidade, apenas, em 1917, de forma muito violenta, constitui mais de 60% do território da actual província do Cunene. Ao título de curiosidade histórica apresentamos a seguir um quadro com alguns nomes de reis Cuanyama chegados até nós, grande parte deles por tradição oral. São os seguintes:

Nome do Rei	Ano do seu falecimento
Kawongelwa	1791
Kupuleko	1799
Kaitalamwevali	1807
Hontolondo	1819
Mutota	1830
Sikwangwa	1835
Hamangulu	1848
Limbulinga	1856
Haimbili	1863
Haikukutu	Desconhecida
Sihefeni	Desconhecida
Namadi	1882
Sipandeka	1885
Weyulu	1904
Nande	1911
Mandume ya Ndemufayo	1917

Cunene pertenceu a Benguela, junto com a Huíla e Namibe, durante trezentos e setenta e quatro anos, depois do

desmembramento, passou sob jurisdição do Distrito da Huíla durante setenta e um anos.

Em Setembro de 1917, é elevada à categoria de Distrito mas, por “conveniência administrativa”, perde o referido estatuto em Janeiro de 1918, passando a fazer novamente parte do Distrito da Huíla com duas Circunscrições: a Circunscrição do Baixo Cunene e a Circunscrição do Cuamato.

Por portaria de 1946 são criados alguns postos das citadas circunscrições, a saber:

-A Circunscrição do Baixo Cunene com sede em Ondjiva (Posto sede) englobava a Mupa, Cafima, Namakunde, Melunga, Lagos e Tandawe;

-A Circunscrição do Cuamato com Posto sede em Xangongo englobava a Môngua e Naulila.

Agora que o caro leitor conheceu um pouco da história da província martirizada do Cunene, também tem uma ideia vasta sobre razões que levaram os bóeres e os portugueses em transforma-la num campo de batalha mantendo permanentemente o seu povo a viver as piores condições e jamais vistas no último quarto do Século-xx. Analisemos a presença sul-africana na guerra de Angola.

Poderá surgir uma pergunta sobre um aparente distanciamento da província do Cuando-Cubango na abordagem da *bainha da guerra*. Acontece que na estratégia encontrada entre as partes interessadas (UNITA-Africa do Sul) foi a de cada um se ocupar do território em que lhe era possível se não mesmo fácil conduzir as acções combativas (operações).

Avaliando a região Norte da Namíbia (a partir lá) vemos que ela se subdivide em três zonas; Ovambo, Kavango e Caprivi). O estreito de Caprivi que começa a se desenhar a partir de Bagani e é demarcada por uma fronteira terrestre até ao bico do Sinde (isto na parte de Angola). A partir daí em diante a Namíbia foz fronteira com a Zâmbia.

A região de Okavango é demarcada pelos rios Cubango desde o Marco-47 e a partir do Dirico pelo rio Kavango que é a junção com o Cuito. A região de Ovambo tem 120 Km fluviais e 320 Km definidos convencionalmente. Mas isso não é tudo. Acontece que o território do Cunene com a sua característica de deserto não oferece condições para acções de guerrilha, por isso, ficou à cargo da SADF com possibilidades de realizar acções complementemente suportadas pelo governo sul-africano.

Já no estreito do Caprivi que além de cursos de água é potencialmente produtiva em agricultura e pecuária que facilita a vida e actividades de guerrilha. Além disso, tem o rio Cuando no limite com a República da Zâmbia.

1- OPERAÇÃO IAFUTURE (1975)

Em 1975 era Chefe do Estado-Maior da Frente Sul das FAPLA o Comandante Francisco Tuta “Batalha de Angola”. O Comandante Gabriel Kapofy “Cow-Boy” Chefe das Operações da Frente, o Comandante Bota Militar Comissário Político da Frente. Com a morte de Cow-Boy, sucedia-lhe o Comandante Jorge Albano “Dack-Doy” (Dá que doi).

A géneses da presença militar sul-africana em Angola, embora não se fale muito dela, data de 1975, quando uma unidade táctica atacou expulsando as FAPLA da antiga cidade de Pereira D`Eça “Ondjiva”. Como era lógico, um exército regular testava a sua capacidade combativa bélica contra um agrupamento de guerrilheiros, que apenas possuíam armas individuais. O Carcamano como era chamado empregou armamento bélico como canhões automovidos e outros meios de assalto (carros de combate).

O mundo e os angolanos sabiam que a África do Sul não descansaria, uma vez que já havia a movimentação da SWAPO desde Tanzânia e Zâmbia para o Sul de Angola. Mas de um ataque militar naqueles momentos não se esperava, se não fosse a pedido da de Savimbi, Holden e Chipenda. A grande jogada geopolítica e geoestratégica não foi mera obra do acaso, foi uma consequência da guerra fria. Coincidências não houve, o que houve, foi sim, um alinhamento na ideologia do anticomunismo.

Foi durante a expulsão do grupo militar sul-africano que o comandante Cow Boy tombou no mês de Agosto, mas a vitória coube as FAPLA.

Depois da Operação IAFuture (22.9.1975), o Primeiro-Ministro Vorster autorizou aos 04 de Setembro que a UNITA e a FNLA recebessem formação militar, aconselhamento e assistência logística, na condição de aliados na eliminação da PLAN.

O primeiro Grupo de conselheiros/instrutores da SADF, que se instalou no Cuito-Bié denominou-se Raposa-Morcego, e criou um campo de treino nos arredores da antiga cidade de Silva Porto (Cuito) e preparou a defesa da cidade do Huambo.

Foi também no mês de Agosto que o primeiro embarque de armas para a FNLA e para a UNITA chegou em Angola no valor de 14 milhões de dólares secretamente aprovados por Voster.

A Respeito de Cow-Boy

Gabriel Kapofi cujo significado é okamupofi-pequeno cego, nasceu na Comuna do Evale Município do Cuanyama Província do Cunene. Cow-Boy devia saber muito da história do Rei Mandume e de outros bravos reis do Ovambo. Era possuidor de uma bravura excepcional e de uma inteligência singular. Cow-Boy enfileirou-se no MPLA muito cedo e fez parte do Corpo de Guerrilheiros, que durante 14 anos lutaram de arma na mão contra o colonialismo português.

Quando Kapofi nasceu, Evale era um Posto Administrativo ainda pertencente a Circunscrição do Cuvelai do Distrito do Cunene conforme Portaria 1406, de 13.12.1965 (B.O. 50); Decreto 50/71 de 23.02.1971. Desanexado do Cuvelai e integrado no Concelho do Cuanyama, por Decreto Legislativo 4153, de 01.09.1971 (B.O. 206).

Foi um combatente heróico destemido e apesar de na altura ocupar cargo ao nível operacional gostava muito de tratar assuntos táticos. E foi nessas condições que tombou. Tombou como tático em pleno campo de batalha. Cow-Boy perdeu a vida nas portas da independência, no prelúdio da vitória. Pau-Torto que com ele combateu contava histórias de muitos militares que gostavam de efectuar disparos com as armas em posição automática (rajada).

Esses constituíam-se em grandes incómodos do Comandante na medida em que faziam gastos de munições sem se importar em aniquilar o inimigo fisicamente. Ele proibia o uso das chamadas rajadas que qualquer soldado inexperiente gosta de fazer por desconhecer dois elementos; o factor aniquilar o inimigo e factor gasto de munições em vão.

Cow-Boy era um chefe militar que não se seduzia pelo sedentarismo dos gabinetes. Na qualidade de comandante operacional estava presente nos lugares mais perigosos e por conseguinte tomava decisões pontuais na hora e no lugar certo de chefe, o que não permitia qualquer interesse falso. Nas suas palestras com as tropas e com o povo incutia um espírito revolucionário inibido de derrota, porque acima de tudo ele foi

um homem desprovido de preconceitos que foi sempre uma das bandeiras do seu Movimento (MPLA).

Amou a sua pátria e o seu Cunene onde foi enterrado o seu umbigo, mas foi nas terras da Huila onde foram sepultados os seus restos mortais, onde se cubriu de glórias o corpo inerte de um herói nobre e exemplar, cuja memória ficará nos corações e mentes de toda Angola livre do Miconje ao Calueque e do Lwau ao Lobito.



Foto de António Vakulukuta (Secretário Geral Adjunto da UNITA) em conversa com portugueses no palácio de Ondjiva, na primeira invasão sul-africana em Agosto de 1975 (Operação Iafuture)

2- OPERAÇÃO SAVANNAH (1975-1976)

Convém fazer uma abordagem vasta sobre o fim da operação IAFuture a etapa da preparação da operação Savannah. Entrando na origem das forças que farão parte da segunda invasão.

António Agostinho Neto Presidente do MPLA já advertira em 1974, sobre o perigo da presença de militares sul-africanos a dar treino a angolanos no Sudeste do país. Tal advertência simplesmente foi ignorada pelas autoridades portuguesas e cada vez mais oculta pelo governo sul-africano e quiçá pela comunidade internacional.

Com efeito, elementos ex-Flechas, ex-soldados do exército português e Katangueses financiados pelo Partido Cristão Democrático de Angola (PCDA) e pela Frente de Unidade Angolana (FUA), partido de Fernando Falcão que foi Governador de Angola em 1947), encontravam-se em preparação à cargo do antigo chefe da PIDE Óscar Cardoso e do Major Aparício, este último será um dos chefes do Exército de Libertação de Portugal (ELP) no Sul. O ELP do Coronel Santos e Castro que foi Governador-Geral de Angola de 1972-1974

Mas tarde a esses grupos juntam-se tropas da Facção Chipenda e efectuaram uma coesão combativa as pressas e na primeira quinzena de Outubro estavam prontas para a operação Savannah, no conjunto das tropas da SADF.

Quanto a sua composição era basicamente a seguinte: Grupo ALPHA chefiado por Delville formado por companhias de Kungues, o Grupo ZULU, era formado por companhias de angolanos do ELNA/Chipenda, chefiados por Breytbanck, todos armados de G-3 e com uniformes do exército português no dia 13 de Outubro de 1975, desde Rundhu iniciavam a marcha de ofensiva passando por Katuitui e por direcções avançam contra Ondjiva dia 19, enquanto outro braço avança para Menongue.

Dia 24 o Grupo Zulu ataca o Lubango, enquanto o Namibe era atacado dia 27. A vila de Catengue era atacada dia 02, e os dias 05 e 07 de 11 destinavam-se os ataques a Benguela e Lobito respectivamente. Os dias 11,12, 13 e 14 de Novembro foram dedicados a travessia do rio Cubal na localidade do Quicombo à 12 quilómetros Sul do Sumbe, a capital do Cuanza-Sul. O dia 16.11 determinava a passagem a defesa das forças em ofensiva, formando a linha Porto Amboim, Ebo e Quibala.

O Grupo de Combate Raio-X da SADF saiu do Cuito pela linha férrea em direcção ao Luena apoiado pela infantaria das FALA

No auge da ofensiva foram criados os grupos de combate Laranja e Tango para reforçar a potência dos golpes e manobras hábeis.



Veículo de guerra sul-africano Eland MK7 andando pelas ruas do Lobito, em 1975

foto da Google.

Morro do Tongo uma viatura em chamas (foto da Google). Quando se deu a invasão a Angola no prelúdio da sua

independência na célebre operação sul-africana *Savannah*. O governo títere decidiu fazer tudo em segredo para evitar críticas, quer internas, quanto externas.

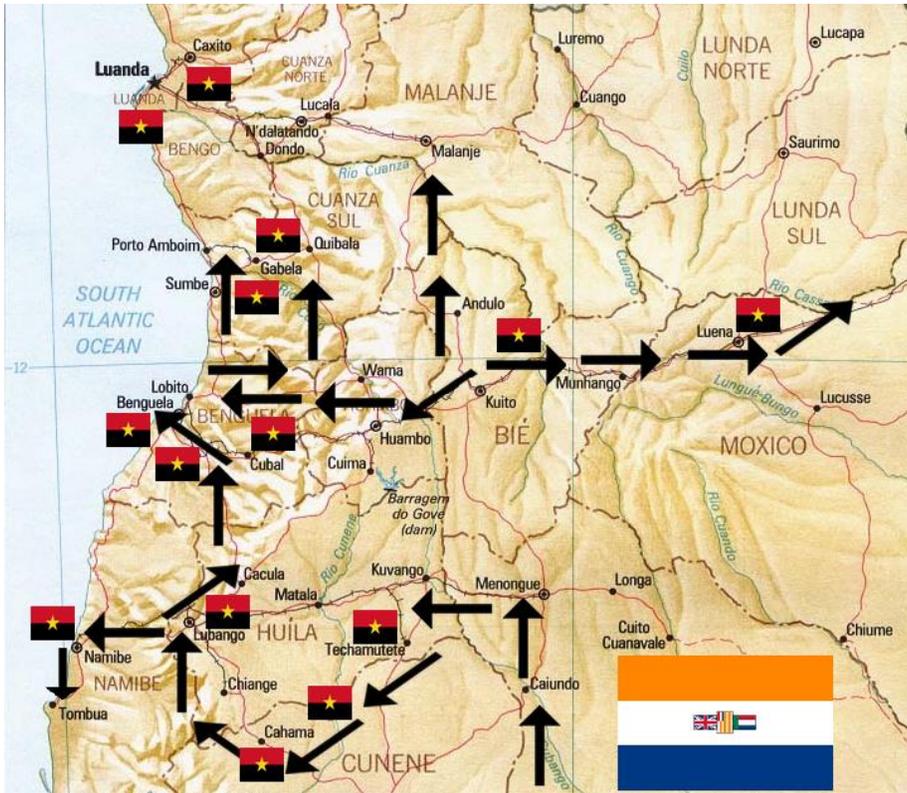
As autoridades sul-africanas tentaram a todo o custo ocultar a real situação, aliás, Botha na altura Ministro da Defesa limitava-se a informar que as SADF apenas controlavam a fronteira e a barragem hidro-eléctrica de Calueque.

Segundo Gary Baines, os membros das SADF capturados em combate na frente da Quibala não envergavam uniformes da SADF e tinham sido orientados inclusive aprimorar o inglês britânico. Esta foi uma situação que fez com que aqueles militares aparecessem em condições de mercenários de guerra.

A questão fulcral é que os sul-africanos exigiam que os seus militares capturados fossem considerados Prisioneiros de guerra) (POWs) pela Convenção de Genebra. Porém, essa convenção não beneficia mercenários de guerra que era a condição a que submetiam os seus membros devido ao secretismo da situação. Tudo isso acontecia porque a opinião pública sul-africana, não apoiava a guerra em que o seu governo estava mergulhado.

No dia 18 de Dezembro de 1975, um jornal em Lagos/Nigéria estampava duas imagens dos quatro soldados capturados em Quibala/Cuanza-Sul nos combates da Ponte-14 próximo da localidade de Catofe que não podiam beneficiar do (POWs) pela Convenção de Genebra

Aspecto do movimento da ofensiva da operação SAVANNAH (SADF-1975) disponível na Google.



3- OPERAÇÃO KROPDOF (1977)

Em 1977 era Comissário Provincial do Cunene Kundy Payama.

Na continuação das acções banditescas e de sabotagem económica tiveram lugar incursões na região de Eheke, que se realizavam com o objectivo de criar um clima de terror, advertindo as populações no sentido de apartarem-se dos guerrilheiros da SWAPO e não colaborar nas acções do governo angolano

Na província do Cunene tornava-se impossível viajar por estrada sem ser “premiado” com um bombardeamento aéreo, ver-se capturado por forças incursionistas sul-africanas de um lado, do outro também estava presente a guerrilha da UNITA.

O Batalhão-32º empregava equipas recrutadas de ex-militares da FNLA e conduzidas por brancos sul-africanos para o interior de Angola; podiam também enviar forças especiais ao nível de pelotão (grupos de 30 homens) de composição similar para realizar acções de sabotagem. Como as suas operações tinham que ser secretas, sem nenhuma ligação com as forças regulares sul-africanas, as equipas do 32º Batalhão usavam uniformes das FAPLA ou do PLAN, bem como o armamento soviético para criar confusão.

Por outro lado a aviação táctica da SAAF, os aviões “caças”, faziam raids nos quais não poupavam viaturas civis que encontravam nas vias diversas. Chegaram até ao Lubango (1978), onde de entre outros objectivos civis, bombardearam a empresa Madeiras da Huíla, em plena luz do dia.

Em Setembro de 1976, Yan Smith, então Primeiro-Ministro da Rodhesia (actual Zimbabwe), por ocasião do seu encontro com Henry Kissinger, na altura Sub-secretário norte-americano para os assuntos africanos, em Harare (antes Salisbury) afirmava: “Angola vai pagar caro a ousadia de tentar tornar-se num bastião do comunismo em África”. E acrescenta: “Não teremos uma Cuba em África, mas sim um Vietname onde os comunistas serão sufocados”.

Questionado se não era uma tentativa do governo americano limpar a honra perdida no Vietname, em Angola, Kissynger respondeu à jornalistas: “Há erros que não se cometem duas vezes. Angola está em África, enquanto o Vietname está na Ásia.

4-OPERAÇÃO REEINDER (1978)

A operação Reeinder foi planificada como consequência da falha de uma outra operação denominada Bruilof planificada para Dezembro de 1977, mas sem contudo ter sido feita. Por isso, a Reeinder teve lugar no princípio do ano seguinte, 1978. Aquela nova operação tinha como objectivo principal perpetrar o massacre de Cassinga que era uma concentração de refugiados da SWAPO, que naquele dia 04 de Maio de 1978 conheceu a acção mais hedionda da sua história. Ao mesmo tempo, desencadear uma serie de acções noutras áreas.

Para os políticos sul-africanos, o caso era uma espécie de brincadeira porque inclusive, havia ordens expressas para não matar os dirigentes que lá se encontravam, mas sim, captura-los para serem presentes vivos. A destruição de todos meios era uma das recomendações especiais.

Na essência, o plano geral englobava ataques a vários objectivos por eles determinados, tendo para o efeito formado vários grupos de combate com missões específicas, com comandantes experimentados em massacres e em outros tipos de sabotagens.

No vermelho dia 04 de Maio de 1978, no bombardeamento à refugiados namibianos na antiga povoação de Cassinga (Huila) pereceram cerca de 600 pessoas, mulheres e crianças, entre angolanos e namibianos.

Na mesma operação voltaram a investir a região Norte de Eheke visando a destruição das bases dos guerrilheiros do PLAN. Acto contínuo no dia 17 de Maio, a Força Aérea Sul-africana (SAAF) efectuou ataques aéreos as bases de Chietequera.

Nos dias 17 e 18 de Maio 1978, ataque às dezenas de acampamentos entre os km 17 e 21 a Leste de Chietequera.

Os Bóeres advogavam que a operação Reender foi uma resposta a acção do PLAN que no dia 19 de Fevereiro daquele ano, capturara do sargento Van der Mescht e morto outros dois dos seus membros, por meio de uma emboscada, quando esses procuravam tirar água numa lagoa na localidade de Elundu próximo da fronteira.

5-OPERAÇÃO SKEPTIC (1980)

Na verdade, não devia ser difícil para o Estado Sul-africano, com todos seus serviços especiais sofisticados distinguir a SWAPO do governo angolano, da mesma maneira como distinguiam os negros dos brancos ou ainda as FALA das SADF. Ninguém saberá por que razão as SADF atacavam unidades das FAPLA enquanto alegavam atacar o PLAN. De igual modo, por que confundir um centro administrativo do

governo com uma base de refugiados ou com um acampamento de guerrilheiros.

Segundo relatos dos carcamanos, a operação Skeptic que afinal tinha como objectivo destruir a Base da SWAPO denominada Smokshel foi uma das operações de maior envergadura da época, com início aos de 10 de Junho e terminou dia 30 do mesmo mês. No dia 01 de Julho as SADF começavam o movimento de retorno, depois de terem enfrentando grande resistência por parte do inimigo. Portanto, a ideia que as SADF tinham sobre os combates foi um grande erro de cálculo, porque, a limpeza que julgavam efectuar não teve lugar conforme o seu desejo.

Naquela operação as SADF dizem ter perdido apenas 17 militares, ao passo que o inimigo (PLAN) perdeu 380 militares. Também tiveram baixas em veículos blindados de tipo Ratel. Acto contínuo, dia 07 de Junho na cidade do Lubango foram abatidos dois aviões da SAAF de tipo Mirage. Afinal não foi mais um passeio de turistas. As localidades de Chitequeta, Indungo, Mulemba, Henhombwe, Mulavi, Ionde e Mulola tornaram-se grandes zonas de resistência das forças em defesa, porém, as acções daquela operação fazem também referência a Chitumba uma povoação dista à 30 km à Este da cidade de Ondjiva.

6-OPERAÇÃO PROTEA (1981)

Nota introdutiva

Em 1981 era Comissário Provincial do Cunene o Major Ari da Costa que sucedera Kundy Payama.

A Operação Protea foi um conjunto de acções das SADF no território angolano, que teve lugar de 23 de Agosto à 04 de Setembro do longínquo ano de 1981. Foi uma das operações clássicas de invasão a um Estado soberano conduzida no território da Província do Cunene, com objectivos previamente determinados e bem reconhecidos em período anteriores.

Ondjiva era a direcção principal, Xangongo a direcção secundária e havia outros objectivos complementares como Peu-Peu e Môngua. Enquanto Cahama um objectivo ulterior, que para os carmanos seria a reserva (das FAPLA) que devia lançar forças em socorro das outras áreas, principalmente Xangongo no decorrer dos combates. Loucura táctica e simples ilusão dos generais bóeres.



Aspecto de tropas de desembarque da SADF durante a operação Askaris 1983/83, imagem disponível na Google.

6.1-Ataque ao Humbe (23 de Agosto)

Para as acções contra o Humbe, os Grupos de Combate-10 e ALHPA idos da SWA penetraram no território angolano por via Ruacaná na noite de 23 de Agosto em direcção a sede comunal. O Ataque começou com o fogo de artilharia, na mesma altura que a SAAF bombardeava a cidade de Xangongo. A SAAF e artilha bombardearam também o Hospital da Missão Católica do Tchiulo, onde infelizmente só havia doentes e freiras que prestavam ajuda médica.

Com efeito, os ataques ao Tchiulo e Humbe foram feitos contra alvos civis. As SADF tendo concluído que seus dados do reconhecimento não eram fidedignos, reorganizaram os grupos de combate para novos alvos que se julgavam activos, ao contrário dos primeiros que se resumiram em assassinatos de populares indefesos.

6.2-Ataque à Xangongo (23 de Agosto)

No ataque à Xangongo participaram Grupos de Combate 20, 30 e 40 que partiram da SWA e penetraram por Ombalantu também no 23 de Agosto. Eram unidades motorizadas e mecanizadas mistas, isto é, ratéis e búfalos, numa marcha em competição desigual. Este factor levou-os em não cumprir as tarefas em tempo previsto "H". Por isso, o ataque aéreo só começara as 11H50, por assaltos num total de cerca de 35 aviões (4 aviões Esq-24, 5 Camberras, 8 Mirage-F1AZ, 6 Mirage-F-1CZ, 4 Mirage-IICZ e 8 Impalas). Depois seguiu-se o fogo de artilharia de 140 mm e dos canhões AAA Valkire.

O ataque à Xangongo teve início em pleno dia cerca das 09H50. A resistência das unidades das FAPLA foi dura e só no fim do terceiro dia por volta das 17H00 saíram do combate. Portanto, a questão não foi tão banal como o calculavam os boers. Foi preciso o uso da aviação de forma maciça e os meios da DAA das FAPLA na altura eram exíguos, mas os bravos defensores do ar mostraram que estavam preparados. A SAAF recebeu fogo de 14,5 e 23mm em muitas das posições de fogo que o inimigo julgara já vencidas.

Os combates do Xangongo foram renhidos, a história segundo a qual as SADF desbarataram facilmente as FAPLA, não corresponde a verdade. Havia problemas de comunicações por desvantagens do sistema de comunicação por fio, que por um lado não permite interferência por parte do inimigo, mas que por outro é vulnerável fisicamente ao ser cortado pelo fogo de

artilharia ou da aviação. Mesmo assim, e como resultado disso, a defesa tendo sido parcialmente desarticulada, o inimigo foi travado por muito tempo, quando tentava tomar algumas posições à Sul da cidade, no aeródromo e à Este da cidade.

6.3-Xangongo dia 24.09. 08H00

Segundo a Revista Militar da DPN/FAPLA com número-13 (p.25), no dia 24 de Agosto de 1981, por volta das 10H00 a aviação sul-africana na composição de uma esquadrilha de 10 aviões de tipo Bucaneer S-50 e Mirage F.1AZ e duas avionetas de tipo Piaggio P.166S (esta última para correcção de fogo de artilharia), varias esquadrilhas de Allouet-III fizeram a preparação do ataque. Isso implicava o bombardeamento de toda a cidade de Xangongo a capital do Município de Ombadja.

Depois dessa preparação com o fogo de artilharia, aviação e helicópteros seguiu-se o avanço contra a cidade de três colunas.

-A primeira coluna vinha na direcção do Cuamato-Xangongo numa composição de 32 tanques de tipo Centurion, 84 veículos de Assalto de tipo AML/90. A segunda coluna avançava na direcção Dongwena-Humbe, na composição semelhante a primeira. A terceira coluna avançava na direcção Môngua-Xangongo e em cooperação táctica e de fogo concluiriam a expulsão das unidades das FAPLA depois de 20 horas de fogo.

Portanto, o Xangongo que se defendia com um batalhão foi tomado com um agrupamento inimigo de três grupos de Combate com os seguintes meios:

- Pessoal-2000 homens
- Tanques- 96
- Carros de Assalto-252

6.4-Ataque à Peu-peu (24 de Agosto)

A localidade do Péu-Péu era o Posto de Comando Administrativo da 19ª Brigada de Infantaria. Nos primeiros momentos da sua criação em 1977. O Capitão Armando da Cruz Neto foi o seu mentor. Com o incremento do vandalismo sul-africano no território angolano, quando ainda utilizava métodos primários de desestabilização e de acordo a evolução da situação foi necessário criar um sistema defensivo da sede municipal e então, as subunidades foram escalonadas no terreno abandonando as casernas do tempo de paz.

O fracionamento aparente das forças foi devido a mudança da situação que exigia a ocupação de pontos estratégicos para a defesa militar do território, com as subunidades de serviço a ocuparem lugares na retaguarda. Péu-Péu constitua-se já em retaguarda da brigada. As SADF não enfrentaram unidades de combate naquele local, foi sim enfrentar pessoal pertencente ao grupo de mecânicos, cozinheiros, enfermeiros e trabalhadores civis (carpinteiros e pedreiros), essa é a pura realidade.

A 19ª Brigada nessa altura dirigida pelo Capitão Quibeto tinha apenas um batalhão em Xangongo, porque o 3º Batalhão

comandado pelo 1º Tenente Guiné estava no Cuamato em Omupaya, cerca de 40 km a Sul de Xangongo era a sua posição. Enquanto outro batalhão encontrava-se em operações anti-guerrilha na região da Calonga, isto é, na margem Este do rio Cunene.

No dia 24 de Agosto pelas 11H05 a aviação da SAAF na composição de quatro Impalas bombardeou as instalações do Péu-Péu e o Grupo de Combate-30 avançava desde Xangongo para atacar com a infantaria o Péu-Péu. Tendo permanecido aí até o dia 26 dedicaram todo dia 25 ao saque e espólio dos meios diversos aí encontrados. No dia 26 o Grupo de Combate retornou ao Xangongo para se juntar ao Grupo de Combate-20 e seguiram para a capital do Cunene, onde dia 27 atacam as tropas da 11ª Brigada de Infantaria. Mas antes tem Môngua.

6.5-Ataque à Môngua (25 de Agosto)

Na vila de Môngua, a capital da Comuna com o mesmo nome destaca-se o abate de um helicóptero de apoio de fogo de tipo Puma, que actuava em auxílio as tropas do Grupo de Combate Mamba em ofensiva e foi também destruído um Tanque Centurion. As SADF tinham mais uma vez avaliado mal as forças das FAPLA em defesa na Môngua e por isso, foram surpreendidos pela resistência das forças em defesa. Perante o pânico e o moral baixo já provocado pelos combates anteriores os comandantes da SADF utilizaram todo potencial bélico e aqui

mais uma vez os combatentes das FAPLA, da TFGA e da ODP lutaram até as últimas consequências trocando a vida pela morte em nome da pátria querida...

Nditungúa ya Kamaty foi o comandante das forças em defes daquela localidade. Além do monumento erguido no centro da povoação, onde figuram vários nomes e heróis anónimos, na saída para Ondjiva, encontra-se um túmulo de combatentes da pátria, quando a Africa do Sul fazia do Cunene um pano para a bainha das suas aventuras em Angola na sede de afogar a luta dos povos da África do Sul e da Namibia

6.6-Ataque à Ondjiva (27 de Agosto)

Houve uma reagrupação prévia. Os Grupos 20 e 30 juntam-se em Xangongo e marcham para Ondjiva via Môngua, onde já se encontrava o Grupo Mamba que tomara a vila no dia anterior. Em Ondjiva o Grupo-30 tinha a missão de atacar o aeroporto e o Grupo-20 atacar a cidade. O grupo-10 actuou como segundo escalão/reserva para a tomada de Ondjiva. O ataque foi planificado para as 07H00 de 27 de Agosto. No dia 26 a SAAF utilizando uma avioneta que lançou panfletos sobre a cidade com dizeres como: as FAPLA e o povo devem abandonar a cidade seguindo para a direcção Norte. Ora, a isso chama-se guerra psicológica.

No primeiro ataque aéreo perpetrado pela SAAF foi utilizada uma composição de dois Mirages-III sobre uma posição

das FAPLA no aeroporto, onde peças da AAA responderam prontamente com o seu poderio máximo de fogo e alvejaram um Mirage. Depois outros cinco ataques com emprego de cerca de 31 aviões entre os quais (4 Mirages-IAZ, 4 Mirages-III, 5 Impala e 6 Buccaneer). Depois seguiu-se o fogo da artilharia terrestre do Grupo-20.

Perante essa situação, todas as tropas do Major Afonso Maria respondiam e resistiam as investidas. As tropas estavam treinadas e preparadas para corresponder no modo próprio o combate moderno interarmas. Para a defesa do aeroporto foi realizado um contrataque violento que só foi parado com a destruição do pelotão de tanques. O Fogo inimigo combinado de Rateis e Valkires neutralizou os três T-34 das FAPLA. Contudo, as SADF só conseguiram desalojar as FAPLA ao fim do dia, as FAPLA tinham combatido o dia inteiro.

Os combates em torno da cidade foram renhidos, as SADF não lograram vitórias que desejavam nas primeiras acções. A ofensiva do inimigo foi travada e quando descobriram a existência de mais tanques à Este da cidade, os bóeres ficaram sem força para continuar, a solução foi solicitar reforços de unidades blindadas que lhes foram enviadas rapidamente que chegariam no teatro por volta das 15H00.

As reservas operacionais da SADF que se encontravam bem perto chegaram na zona de combate em Ondjiva no fim dez horas. Ainda assim, as SADF foram obrigadas a recuar perante a resistência das FAPLA e o combate nocturno.

Dia 28 de Agosto determinava a tomada de Ondjiva pelas SADF mas apenas conseguiram-no por volta das 12H00 (Disponível na Revista Militar das FAPLA nº13 de 1981. Pp.28-30)

Conclusão

Como se pode ver, os sul-africanos levaram tempo por eles não calculado. Julgavam fazer uma limpeza varrendo as tropas angolanas do território do Cunene, a semelhança da operação Savannah de 1975, quando as FAPLA dispunham apenas de armas individuais. A confiança bóer na aviação valeu, mas, à um preço diferente daquele por eles calculado.

7-A OPERAÇÃO KERSLIG (1981)

Fase-1

Preparação

Em 1981, era Ministro da Segurança do Estado Kundi Payama

A operação Kersleg que traduzido é luz de vela foi uma acção perpetrada pelas forças especiais das SADF. Tratou-se de algo espetacular que teve lugar no dia 30 de Novembro de 1981 em plena capital, Luanda. Antes foram realizadas outras acções semelhantes ou da mesma natureza com o código Days. A SADF empregou pessoal do 1º e 4º Regimentos de Inteligência.

A refinaria da Petrangol é um empreendimento económico de importância vital para a vida de Angola, por isso os boers queriam bater onde doía mais, em vez de perder tempo com ataque a outros objectivos. Além disso, estavam em causa a vulnerabilidade da segurança interna uma vez que a Petrofina SA do Reino da Bélgica é que geria a refinaria. Seria uma situação que afectava até uma potência europeia para todos efeitos.

A refinaria da Petrangol foi construída em 1958 abastecia Angola com gasolina, gasóleo e combustível de aviação e gerida pela empresa belga Petrofina SA. O ataque deveria ser por volta da 01H00 de 30 de Novembro com a intenção de danificar ou destruir as torres de destilação, tanques de combustível e oleodutos dentro do complexo da refinaria.

Os efectivos do 1º Regimento de Inteligência (1ºRR) fizeram a observação inicial da refinaria e o próprio ataque. Enquanto o 4º Regimento de Inteligência empregaria as forças especiais dos barcos e forneceria aos mergulhadores transportes de e para Luanda.

A missão devia ser secreta e atribuída a UNITA como sendo responsável e não a Força de Defesa Sul Africana. No dia 16 de Novembro, o 1º RI recebeu treinamento de 4º RI para actualizar seus conhecimentos com os barcos e dia 18 de Novembro, com as duas embarcações de ataque da Marinha Sul-Africana.

No dia 20 de Novembro, os dois SAS Oswald Pirow e Jim Fouche, deixaram a Saldanha Bay com as tripulações dos barcos do 4º RI e uma equipa de inteligência do 2º RI e chegaram em Walvis Bay para o reabastecimento. Dia 22 de Novembro, seguiram em direcção Norte, rumo a Angola. A embarcação de inteligência SAS Protea (A-324) chegou dia 24 de Novembro em Walvis Bay da cidade de Simo e pegaria os membros da 1ª equipa de ataque da RI antes de seguir para o Norte também.

Fase-2

Realização

Na noite de 25 de Novembro, os dois barcos de ataque posicionaram-se em Luanda, à 09 km à Noroeste do farol da Ponta das Lagostas. Dois barcos das forças especiais foram lançados e se dirigiram para um ponto fora da costa. Dois mergulhadores do 4º RI entraram na água e nadaram até a praia

para garantir a adequação do ponto de atracagem e a sua segurança e então chamaram os barcos para deixar a equipa de reconhecimento de dois homens. Os barcos retornaram para a nave de ataque que retirou à 80 km da costa.

Ao amanhecer a equipa de reconhecimento deu conta que se encontrava na área de armazenamento de transporte militar (Batalhão de transporte da Logística), mas foi capaz de sair e encontrar um esconderijo mais seguro durante o dia. A noite a equipa voltou a reconhecer a área de armazenamento de transporte antes de seguir para a refinaria, verificaram e fotografaram o alvo antes de retornar ao seu esconderijo, tendo estabelecido uma rota de entrada e saída para as equipas de ataque.

Depois de passar o segundo dia no esconderijo, na noite de 27 de Novembro, a nave de ataque retornou e os barcos juntaram-se a equipa de reconhecimento. Os dois aparelhos de ataque partiram para o encontro com o SAS Protea na madrugada de 28 de Novembro para o reabastecimento, bem como o planeamento final e o acerto do próximo ataque e a transferência das equipas de ataque.

No início da noite de 29 de Novembro, os dois helicópteros estavam à 16 km de Luanda. Quatro barcos foram lançados para o local de atracagem na praia e novamente ficaram os dois mergulhadores de equipa de inteligência para investigar o local. Os quatro barcos foram então sinalizados para pousar. Uma equipa de comunicação foi deixada à beira-mar para manter o contacto por rádio entre as equipas e a nave de ataque.

O Posto de Comando e as equipas de ataque seguiram para a cerca externa da refinaria. Nenhuma das torres de vigia parecia estar ocupada, nem a cerca interna era controlada. Por volta das 23H57, as quatro equipas de ataque tinham entrado na refinaria enquanto as equipas de apoio e PC mantinham a segurança da rota de saída e a 5ª equipa guardava a cerca cortada.

A 1ª equipa seguiu para seu alvo, três torres de destilação, mas não conseguiu colocar seu explosivo na posição correta, já que o desenho da primeira torre e uma estação de controlo tripulada não combinavam com o reconhecimento feito. Então os explosivos foram colocados em canos na torre para dar o sinal ao resto das equipas para começar o armamento, eles seguiram para a segunda torre que parecia não tripulada e sem segurança.

Ao tentar invadir a torre, eles foram interrompidos por uma explosão prematura dentro da refinaria no local da 4ª equipa. Eles então deixaram as cargas na base das torres e retornaram ao local de entrada.

Os alvos da 2ª equipa eram doze tanques de combustível de Jeta-A1. Eles conseguiram colocar seis cargas antes que a explosão prematura dentro da refinaria os interrompesse. Seguindo ordens se o plano mudasse, eles deixavam os explosivos restantes num tanque e antes de tentar armar um dos explosivos, uma segunda detonação prematura ocorreu dentro da refinaria e então eles deixaram os explosivos desarmados e voltaram para a entrada e se juntaram na busca da 4ª equipa.

A 3ª equipa conseguiu colocar suas cargas em dois tanques esféricos de gás e seguiu para dois tanques horizontais, quando a primeira explosão prematura ocorreu dentro da refinaria. Daí, deviam voltar ao ponto de entrada, mas, encontraram a sua rota bloqueada pelos guardas, procedeu o corte a outra parte da cerca do perímetro e saiu deixando as duas cargas restantes em dutos que ligam ao porto, antes de retornar ao ponto de encontro.

A 4ª equipa tinha a tarefa de minar 12 tanques de óleo cru e eles começaram a colocá-los assim que a 1ª equipe deu a ordem para começar. Cerca de sete minutos depois de começarem, uma das suas cargas explodiu prematuramente e eles decidiram juntar as cargas restantes e o Capitão de Kok armou uma, mas ela explodiu e os outros dois membros da equipe ficaram feridos.

Um ferido membro da equipa retornou ao ponto de entrada e então a 1ª e 2ª equipas entraram novamente na refinaria ao encontro dos dois homens desaparecidos e encontraram outro membro da equipe com a cara gravemente queimada e cego e o levaram de volta ao ponto de entrada. Retomavam a busca pelo De Kok, mas depois de uma terceira explosão prematura a situação ficara perigosa demais e percebeu-se que ele não poderia ter sobrevivido.

Os homens retornaram ao ponto de entrada na cerca e entraram em contato com a equipe do PC e seguiram para a praia pela estrada para economizar tempo, enquanto mais explosões prematuras ocorriam na refinaria. Os barcos já estavam na praia

esperando e a nave de ataque estava mais perto da costa para acelerar a recolha.

Os dois feridos foram transferidos para uma nave de ataque individual para tratamento por equipas médicas e assim que os barcos foram carregados, foram para o mar quando várias outras explosões ocorreram na refinaria. Os dois barcos de ataque se encontrariam mais tarde com o SAS Protea e transferiram os dois feridos e o último iria então para Walvis Bay, onde chegou no dia 02 de Dezembro depois os homens foram transportados para Pretória para tratamento médico.

Os dois barcos de ataque deixaram as águas angolanas e regressaram a Langebaan com as equipas do 1º e 4º Regimentos de Inteligência no dia 04 de Dezembro, antes de partirem para Simon's Town para reabastecerem e regressarem às suas bases de origem.

Conclusão

Os bombeiros conseguiram controlar os incêndios até 1º de Dezembro, enquanto todos os incêndios haviam sido extintos em 03 de Dezembro. As autoridades petrolíferas angolanas e ocidentais alegaram que, se o ataque tivesse sido bem-sucedido, a cidade de Luanda teria sofrido danos causados pela explosão e pela libertação de químicos venenosos. Os bravos trabalhadores da refinaria conseguiram remover o tetracloreto de chumbo, dos tanques antes que as chamas chegassem até estes. Coisa que os sul-africanos não sabiam.

Como consequência deste desastre o Presidente José Eduardo exonerou Kundy Payama do cargo de Ministro da Segurança do Estado, substituindo-o pelo então Coronel Dino Matross. De imediato foi remodelado o sistema de protecção daquele objectivo económico e estratégico para nunca mais acontecer cenas semelhantes até ao fim do conflito armado de 1975 à 2002. Kundy Payama voltava a ser Ministro da Segurança do Estado dois anos depois ido de Benguela onde foi governador naquele período.

O Presidente da UNITA Jonas Savimbi, inicialmente assumiu a responsabilidade como sendo acções das suas tropas em pleno coração de Luanda. No dia 1º de Dezembro, as autoridades angolanas apresentaram provas à diplomatas ocidentais de que o ataque havia sido realizado por membros das forças especiais da SADF, onde o Capitão AJP de Kock foi morto instantaneamente, quando os explosivos de demolição que ele estava colocar explodiram prematuramente. Os seus restos mortais, as minas, armas e outros equipamentos de sabotagem abandonados foram apresentados à mídia mundial.

Anos mais tarde, na Africa do Sul democrática, a Comissão de Verdade e Reconciliação veio à tona divulgando a confirmação em como foram acções das forças especiais da África do Sul.

8-OPERAÇÃO SUPER (1982)

A operação Super foi uma acção relâmpaga das forças especiais da África do Sul, numa incursão na região do Iona, isto é, na Província do Namibe. Foram acções dirigidas contra alvos civis e populações indefesas. No Iona havia uma concentração de populares de um contingente dos muitos refugiados namibianos da SWAPO.

Tratava-se de populações que na sua condição precisavam de apoio e que era possível conceder, no caso, áreas de concentração para a assistência social que se impunha. Tratando-se do território de um Estado independente, não podia de maneira nenhuma constituir-se no problema à questão da sua própria segurança, seja com que forças fossem, naturalmente excepto as da África do Sul.

No dia 02 Março de 1982 as Forças Especiais da SADF disfarçados de PLAN, introduziram-se na região do Iona para obter dados sobre a SWAPO, uma vez concluído o trabalho de inteligência passaram ao ataque utilizando um pelotão do Batalhão 32º Bufalo.

No dia 10 de Março produziu-se um combate renhido entre as forças governamentais da ordem interna de Angola com as dos invasores. Os sul-africanos tinham um plano de combate com devido apoio aéreo e marítimo. Em pouco tempo de choque surgiram reforços que de certo modo, viriam mudar o curso da

situação a favor dos invasores, que advogavam ter provocado 21 mortos ao inimigo.

9-OPERAÇÃO SAVATE (1983)

A operação Savate ou Tiro a Tiro teve lugar dia 21 de Maio de 1983, como o próprio nome diz, foi uma acção especificamente dirigida contra as tropas das FAPLA que ai se defendiam. A presença daquela unidade constituía-se num duplo incómodo para a UNITA e para o governo sul-africano. “Tratava-se de um ponto de apoio para a SWAPO” e ao mesmo tempo era a guarda mais avançada das FAPLA.

O Dr. António Agostinho Neto primeiro Presidente de Angola declarara o Ano de 1978-1979, como o da eliminação com maior urgência possível, os agrupamentos da FNLA e da UNITA em todo o solo pátrio. O governo da Republica Popular de Angola nos princípios do ano 1980 estava a ocupar em posição de força todas as localidades antes pouco guarnecidas.

Naquela época a UNITA que já tinha reconvertido as unidades de guerrilha dispersa para a guerrilha compacta, realizava ataques contra localidades controladas pelo governo depois de um grande reagrupamento. Normalmente, as suas acções cumpriam com os seus objectivos. Para o governo, isso ainda se enquadrava em acções de terrorismo e sabotagem. Além disso, a guerrilha já situava as suas unidades próximo de sedes importantes das estruturas governamentais.

Consta nos registos que foi em Abril de 1983 que as FAPLA abandonaram a localidade do Cuangar que além de um batalhão das FAPLA havia ainda, outros agregados que

elevavam o número dos defensores daquela localidade fronteiriça, cujas informações militares eram dominados quer pela UNITA como pelo SADF, o que não dificultou a preparação o seu levantamento pelo inimigo. De resto havia um plano vasto para as FALA ocuparem as diversas posições defendidas pelas forças governamentais

Savimbi solicitara a Africa do Sul para que a SADF se encarregasse de um ataque a sede comunal do Savate, no que foi imediatamente aceite o pedido. Deon Ferreira Comandante do Batalhão 32º vai se ocupar da tarefa. A julgar pela distância que separa Savate da SWA, apenas 75 quilómetros da fronteira e as informações militares já em posse da UNITA, foi como qualquer coisa fácil de preparar e organizar o ataque.

A operação teria o nome da localidade, a alteração para Tiro-a-Tiro, provavelmente tenha surgido depois da sua realização a julgar pelos contornos que evolveram os combates com as FAPLA a resistir as investidas do inimigo, devido as informações insuficientes e com alguma falta de exactidão o que levou ao que se podia chamar mau planeamento por parte da SADF.

Os comandantes sul-africanos a todos níveis queixaram-se das péssimas informações a eles fornecidas por Lopes oficial de inteligência das FALA que serviu de elo com a parte do SADF naquela operação. O itinerário desenhado com deficiência, marcha efectuada com dificuldades, como consequência, chegada em datas e horas não planificadas e então desaparecera

o factor surpresa e ainda houve o factor correlação de forças mais ou menos favorável as FAPLA.

As FAPLA nos combates de Savate resistiram as investidas dos atacantes. Na verdade, o que aconteceu é a defesa das FAPLA que apesar de ser por direcções, ela estava bem organizada. Naquela altura as FAPLA ainda não empregavam cor rigor o cerco, ou seja, a defesa circular rígida, mas, mesmo assim, tinha os seus sectores de fogo bem organizados e permitiam o aniquilamento dos alvos que nele se apresentassem. Essa foi a razão pela qual as SADF encontram resposta punitivas.

Os ataques da SADF as posições das FAPLA tiveram início em plena luz do dia 09H00 de 21 de Maio de 1983. Normalmente os ataques têm início aos primeiros raios, as vezes ainda na escuridão. Um dos grupos do inimigo muito cedo chocou uma patrulha motorizada das FAPLA (em carros), quando aquela procura reconhecer o terreno de onde vinham dados da presença da SADF, que deambulavam a procura de itinerários certos para o acesso ao Savate.

Apesar do plano de ataque da SADF ter encontrado imprevistos sérios, os planos alternativos e o apoio preparado desde a base de Omauni e do Rhundu do outro lado da fronteira, serviram oportunamente em socorro as suas tropas no terreno. Esta foi uma situação que viria, ao cabo de cinco horas de renhidas escaramuças, as FAPLA tivessem que sair do combate. Segundo registo dos próprios sul-africanos, as FAPLA no combate do Savate infligiram derrotas pesadas a SADF, admitiu-

se que tiveram mais mortos do em qualquer outro combate, onde até constam oficiais.

O ataque no geral foi planificado por equipas e por objectivos; dois pelotões foram atacar as posições do campo de aviação (pequena pista de aterragem), onde se defendiam subunidades da Artilharia Antiaérea, que ao empregarem as metralhadoras contra alvos terrestres responderam na medida certa matando três SADF's do Grupo Charle ou simplesmente da 3ª Companhia e ferindo outros quatro, ora, isto na estava nas previsões de Deon.

Na direcção do golpe principal, a resposta foi feroz, onde o avanço foi retido pelo fogo das FAPLA, no Posto de Comando principal, o chefe do reconhecimento foi morto ao lado do comandante. Uma das companhias consegue avançar a muito custo e travou combate corpo-a-corpo com heróis anónimos das FAPLA.

Nos combates no Campo de aviação as FAPLA provocaram mais baixas e os sul-africanos pediram ordens para recuar. Ao mesmo tempo que organizam a evacuação dos feridos, subunidades das FAPLA atacam viaturas inimigas em movimento para a Namíbia mas tratando-se de carros de assalto as suas tripulações reagiam e prosseguiam à fuga.

10-OPERAÇÃO ASKARIS (1983-1984)

Askaris foi a sexta maior operação do SADF em Angola, que se apoiou num vasto território nacional que já ocupara há anos numa altura em que já tinham logrado criar a zona tampão como fruto da operação Protea realizada em 1981, com início no dia 23 de Agosto. Depois seguiram-se outras operações que tinham como finalidade efectuar acções que denominavam de limpeza para a manutenção da sua fronteira de interesse (geopolítico e geoestratégico).

Para o êxito daquela operação, antes teve lugar a Operação Klinder que foi feita por forças especiais no fornecimento de dados a SAAF, que objectivavam o bombardeamento a uma base de refugiados da SWAPO que se situava à Norte da vila da Palanca, isto é, entre duas capitais municipais Humpata e Lubango.

10.1-Ataque à Mulondo

Em 1983 era Comandante da 19ª Brigada o Capitão Pascoal Helbert Pereira “Inglês” que se defendia na localidade de Mulondo e tinha uma guarda avançada em Quiteve com o seu 3º Batalhão do Capitão Masssoji. Quiteve são 45 km à Sul do Mulondo. Os sul-africanos deslocaram dia 11.12 o Grupo de Combate Raio-X que se encontrava em Xangongo para executar tarefas tácticas em Quiteve e Mulondo. Tudo quanto foi intenção

era varrer as posições das FAPLA em Quiteve dia 12.12 e desenvolver a ofensiva em direcção a Mulondo.

A missão principal estava atribuída a SAAF e com os meios de artilharia terrestre terminar a derrota das unidades das FAPLA. Sem êxitos o Grupo de Combate Raio-X fora retirado e enviado para Cahama.

Para a tarefa do Mulondo a SADF preparou uma outra força denominada Grupo de Combate Tango que entre os dias 16.12.83 e 15.01.84, criou uma frente para que depois que as FAPLA bem fustigadas pela aviação e pela artilharia não pudessem resistir a situação precária com a falta de meios de apoio, tal situação consubstanciada pelo assalto final do Grupo de Combate Tango consumando a vitória da SADF. Ora essa intenção não passou a realidade.

A seguir essa vitória, seria reivindicada ou simplesmente oferecida as FALA, que deviam ocupar as posições deixadas pelas FAPLA no Mulondo. Por conseguinte, as FALA detinham toda a zona da margem Este do rio Cunene entre Mutiapulo, Calonga, Eula, Gando e Cantiaba, mas a Savimbi não interessava a ocupação mas sim o eco das acções.

Durante os combates, as FAPLA mostraram as suas capacidades combativas em resistir aos mais duros golpes da aviação e da artilharia. A artilharia das FAPLA dirigida pelo 1º Tenente Capita respondia com violência sobre as forças inimigas.

A SADF sofreu baixas pesadas com o fogo da artilharia, quando desistiu contratacado pelos tanques e da infantaria comandada pelo 1º Tenente Bangão Wa-Xangola, Chefe de Operações da brigada na altura. A SADF ficou num bom alcance dos 122 mm, trata-se de um tipo de canhão-obus conhecido por D-30 e com isso tiveram que efectuar recuos sucessivos.

A 19ª Brigada manteve as suas posições e no seu dispositivo combativo no dia (23.12) foi abatido um avião de tipo Impala. Os sul-africanos reconheceram a combatividade daquela unidade e a sua derrota perante forças que subestimavam, inclusive, o comando sul-africano durante os combates teve que atrair a viação da Kahama e do Cuvelai para acudir o Grupo Tango.

10.2-Ataque à Cahama

Na localidade da vila heróica da Cahama defendia-se a 2ª Brigada de Infantaria Motorizada (2ª BRIM) sob o comando do Capitão Matias Lima Coelho “Zumbi”. Na sequência das campanhas sul-africanas caracterizadas em operações clássicas e de operações especiais, enquadrada na operação Askaris travou-se uma batalha na segunda quinzena de Dezembro de 1983 e os primeiros dias de Janeiro de 1984.

A operação teve início dia 16 de Dezembro, ao passo que forças especiais na busca de melhores informações sobre a 2ª Brigada já se encontravam no terreno há mais tempo, mas sem

sucessos. Na falta de dados muito vastos sobre a Cahama, o comando sul-africano optou por conduzir as acções às cegas. Por isso, não é verdade a ideia que tentaram passar, segundo a qual, na Cahama pretendia-se apenas intimidar as FAPLA e população para o abandono do local não corresponde a verdade. A SADF não tomou a Cahama e o Mulondo por razões de derrotas pesadas.

Na tentativa de derrotar as FAPLA, os sul-africanos decidiram o emprego massivo da aviação a par da artilharia de longo alcance. A tarefa táctica cabia ao Grupo de Combate Raio-X que antes se encontrava na frente do Quiteve, onde travou combates com 3º Batalhão da 19ª Brigada, comandado pelo competente Capitão Massoji. O Grupo de Combate Raio-X contou com as acções das forças especiais que chegaram ao ponto de efectuar emboscadas entre Caila e Chibemba, mas sem êxitos.

Quando uma coluna ida do Lubango chegou na Cahama vitoriosa, o Capitão Zumbi mandou fazer fogo de MB-21 contra a artilharia inimiga com os últimos quinze foguetes que ele tinha na sua reserva intocável ou ainda artigo crítico como a chamam alguns.

Entrevistado o 1º Tenente Carlos Sachimo comandante do 1º Batalhão do Ediva, ele dizia que o inimigo no seu sector chegou à distância de desdobramento em linha de colunas de companhias. Portanto, essa distância não se destina a intimidação mas sim ao combate.

Dentro daquela operação, surgiu uma sub-operação denominada Fox, era uma tarefa das forças especiais em capturar o Grupo de Misseis OSAK, que segundo eles, deviam ser criadas condições tais, que obrigassem o capitão Zumbi a movê-lo da posição principal para uma outra que facilitasse a sua captura, isso só é concebível em guerra de novelas. Naquela operação o inimigo fez todos ensaios; bombardeamento aéreo, bombardeamentos terrestres isolados e combinados e os ataques de tropas motorizadas combinados com outros meios, para tudo, houve antídotos.

10.3-Ataque à Cuvelai

Os combates que retratam a batalha do Cuvelai que teve lugar na última quinzena de Dezembro de 1983 e o dia 4 de Janeiro de 1984 fazem parte da Operação sul-africana sob o código Askaris.

Na localidade do Cuvelai defendia-se a 11ª Brigada de Infantaria sob o comando do Capitão Joaquim Guilherme Tchiloya com o Batalhão 796 do Comandante Hishiko; A tarefa do ataque ao Cuvelai cabia inicialmente ao Grupo de Combate Victória. Aquele grupo antes ocupara a Comuna heróica da Môngua, de onde se movimentou para o Cuvelai ao receber a ordem de batalha.

O ataque contra as posições defensivas da brigada tinha de ser inflingido a partir do flanco Nordeste, isto é, mais ou menos na

direcção da Serra Tchingangama, enquanto um pouco mais a Sudoeste está a saída para o Bambi-2, território livre da UNITA.

Foi uma opção errada, porque as posições defensivas naquela direcção estavam bem escalonadas; uma defesa activa com canhões AA de 23mm, campos e grupos de minas a combinar com os pântanos e zonas alagadas onde o inimigo podia atolar os seus meios blindados, com que tanto contava para a vitória. Ao mesmo tempo, as linhas de contra-ataques dos tanques da brigada estavam bem estabelecidas.

Dezembro é o pico das chuvas, esta condição jogou a favor dos defensores do Cuvelai que deteve o ataque da SADF obrigando a abortar a ofensiva temporariamente, para uma reorganização, o que não parecia ser fácil para o Brigadeiro Greyling, que mais tarde recebeu a ordem para o novo ataque ao que não obedeceu. Greyling enfrentava uma fúria de indisciplinados e apaniguados como resultado das acções decisivas das FAPLA.

Para as acções seguintes o Grupo Victória foi encarregue ao comandante Van Lill ao mesmo tempo que o Brigadeiro Joubert ordena o Grupo Raio-X que se encontrava na Cahama, para em conjunto com o Grupo Victória efectuar um ataque combinado e aumentar a potência dos golpes. O Grupo Raio-X foi retirado da Cahama e fez uma marcha de 16 horas para atingir o Cuvelai, onde chegou dia 02.01

Como consequência da marcha de 16 horas que colocou as tropas exaustas, o novo ataque foi adiado para o 04.01. Mas antes na tarde do dia 03, a SAADF na composição de 10 Impalas e quatro

Cambeiras, bombardearam indiscriminadamente a vila e procurar a todo custo destruir as posições de fogo da artilharia terrestre e AA das FAPLA.

Nas primeiras horas do dia 04 de Janeiro de 1984, com ajuda de um observador e corrector aéreo (Alloutte) a artilharia do SADF efectuou a preparação artilheira do ataque, mas quando a infantaria motorizada passou ao ataque foi prontamente repelida por contra-ataques furiosos das FAPLA, que em acções decisivas pararam a ofensiva inimiga, destruindo os seus meios blindados.

Os combates continuaram durante todo dia, depois de muita resistência e ao fim de 15 dias de fogo sem possibilidades recepcionar meios de reposição à tarde de 04.01 o Comandante Dange ordenou a retirada das tropas, depois de ter causado baixas ao inimigo incluindo o abate de seis aviões de tipo Impala.

A 11ª Brigada foi a que mais aviões abateu (6) naquela operação. A partir daquele momento o movimento das tropas era em direcção a Tchamutete para onde também se dirigia por via Jamba o Batalhão de Reserva ido do Município do Tombwa que era comandado pelo 1ºTte Kito, mas que naquela altura na sua marcha de aproximação a zona de operações era dirigida pelo Capitão Tchiloya que regressava a sua unidade depois de uma coalescência ao ter accionado uma A/T no mês de Junho do mesmo ano.

11-OPERAÇÃO FORTE (1985)

Depois da operação Askaris de Novembro de 1983 à Janeiro de 1984 e na sequência das conversões entre o governo de Angola e da Africa do Sul, foi assinado em Fevereiro de 1984 um acordo em Lusaca capital da Zâmbia, estabelecendo-se um cessar-fogo e a saída das tropas sul-africanas de Angola e a subida dos guerrilheiro do PLAN da SWAPO para o paralelo-16.

O seu órgão executivo foi a Comissão de Controlo Mista Militar Angola e África do Sul (CCMMAS), cujos trabalhos tiveram início no Cuvelai, Mupa depois Evale e finalmente em Ondjiva, onde viria desintegrar-se por causa de atitudes militaristas do governo sul-africano. Na parte angolana foi Chefe o Major Mello Xavier coadjuvado pelos capitães Samuconga e Pedro Sebastião.

Aquele processo de tréguas viria durar apenas 15 meses, isto é, um ano e três meses. Tudo devido as condições de execução para a retirada das SADF de Angola porque a RSA exigia que a saída das suas tropas fosse em simultâneo com as FAR.

As SADAF e o regime de Botha desconfiando de tudo e de todos, encontrou uma saída para controlar a possível infiltração do PLAN, favorecido pelas FAPLA nos territórios não assinalados. Foi assim que, uma vez que UNITA não fazia parte do acordo, as FALA podiam circular nos mesmos territórios.

Para aquela tarefa as SADF à custa do 32º Batalhão criaram destacamentos de angolanos em uniformes das FALA, tomando a designação do Batalhão 154 S/R das FALA armados de Ak-47, metralhadoras RPD, RPG-7, estas últimas de fabricação original soviética e até os sapatos tradicionais lohaku em umbundu e como era óbvio utilizando os veículos de tipo Mercedes Benz e Sami-100.

Naquela época as áreas de Calonga, Mutiapulo, Bambi-2, Tombole, Cassueka e Mangongo se constituíam em territórios libertados da UNITA. As tropas do 32º Batalhão passaram a controlar o movimento do PLAN que por sinal não violava os acordos, por não fazerem parte destes, mas a SADF cumpriam mais uma missão do seu interesse com o código operação Forte para aniquilar as forças do PLAN na área.

Para completar o desentendimento do Acordo, o astuto governo da Africa do Sul insatisfeito com os resultados da operação Forte envia em Maio de 1985 uma equipa de 15 homens das Forças Especiais para destruir reservatórios de petróleo em Malongo na Província de Cabinda e atribuir a UNITA ou a FLEC tal acção. Naquela operação foi aprisionado o Capitão Du Toit e o segredo da dita operação Argon veio à tona.

Convém salientar que foi nesse período da Comissão que o governo angolano regressa naquela parte do território do Cunene. A Comissão angolana era guarnecida por um batalhão ido do Mulondo da 19ª Brigada que mais tarde viria a dar origem a formação do Grupo Tàctico de Ondjiva chefiado pelo Capitão

Masoji. Em 1988 no mês de Junho era feita a ocupação total e expulso o último carcamano.

12-OPERAÇÃO WALPAPER (1985)

Em Agosto de 1985 era Comandante da 6ª Região Militar o Major Mateus Miguel Miguel Ángelo “Vietnam” e o Major Tobias Chefe do Estado Maior. O EMG das FAPLA mais uma vez preparara uma operação sob o código 2º Congresso do MPLA. Tinha como objectivo expulsar as tropas da UNITA, as FALA, da Vila da Mavinga a capital do município com o mesmo nome.

Naquele ano o MPLA realizava o seu 2º Congresso e então, o Ministério da Defesa daria de presente aquela vitória ao conclave. As brigadas das FAPLA actuaram de forma independente apesar de que os eixos de progressão estavam determinados, sendo duas brigadas para cada. O Comando era exercido pela 6ª região, mas sob a direcção operativa do EMG com o seu grupo de destaque coordenado pelo Tenente Coronel Ngongo.

A 8ª Brigada de Infantaria e a 13ª Brigada de Desembarque e Assalto desenvolveram a sua marcha de ofensiva para Mavinga por via Cunjamba. Do outro lado a 7ª Brigada de Infantaria e a 25ª Brigada de Infantaria fizeram o seu movimento seguindo os rios Cuzumbia e Cuzizi, depois seguiram na margem esquerda do rio Lomba e surgem à Norte de Mavinga. A marcha da ofensiva teve início no 15 de Agosto período seco e propício para uma operação ofensiva.

As tropas em ofensivas idas do Cuito-Cuanavale não encontram resistência por parte das FALA, ou seja, o ímpeto da ofensiva se tornara imparável depois de mais de 20 dias de combates. No dia 07 de Setembro a África do Sul dá início a operação Wall Paper movimentando o Batlhão-32 “Búfalo” para a localidade da Mavinga com a missão de defende-la, não permitir o avanço e penetração das FAPLA evitando a todo o custo a tomada daquela vila.

No dia 08 de Novembro o 32º Batalhão com os seus agregados já se encontrava em Mavinga e uniformizado de FALA para confundir a opinião pública. E no dia 11 foi introduzido em combate contratando as brigadas das FAPLA que já se encontravam a 50 quilómetros a noroeste da Mavinga. Os primeiros combates foram contra a 8ª e a 13ª brigadas quando efectuavam um Grande Alto.

A coligação FALA-SADF não conseguiu travar a ofensiva das FAPLA. As unidades das FAPLA na composição de quatro brigadas 7ª, 8ª, 13ª e 25ª reagrupam-se a Sul de Lomba a escassos 30 quilómetros no noroeste da sede municipal da Mavinga e realizaram um avanço rápido e no dia 02 de Outubro estavam à 10 quilómetros do objectivo. A partir dessa vitória das FAPLA, Savimbi transferiu unidades da Frente de Cazombo utilizando aviões sul-africanos de tipo Hercules e em pouco tempo mudava o curso da situação à favor das FALA/SADF

Tratou-se de uma fase em que o reabastecimento para as unidades das FAPLA era feito por helicópteros devido a distância que separa o Cuito da Mavinga. A SAAF passou a

controlar o espaço aéreo e como consequência destruiu helicópteros da FAPA-DAA.

Essa é uma situação que viria a colocar as FAPLA numa situação delicada em termos de reabastecimento com meios. Depois de vários dias de combates e dois dias de bombardeamento consecutivos efectuados pelas SAAF em auxílio as FALA foi dada a ordem para as unidades das FAPLA retirarem-se da zona de combate em torno da vila de Mavinga.

13-OPERAÇÃO ALPHA CENTAURI (1986)

A operação Alpha Centauri foi planificada partindo da ideia de que a primeira que teve o código de Southern Cross, que se resumiu num fracasso devido a resposta violenta das unidades das FAPLA, que mostraram uma combatividade que a UNITA não esperava.

Foi preciso parar e repensar numa nova acção. Mas acontece que o Comando Superior das FAPLA também encontrava-se em constantes mudanças de planos para novas acções operativas na frente do Cuito.

Savimbi apercebendo-se de uma concentração que visava uma nova operação contra Mavinga solicitou a Africa do Sul um ataque antecipando a acção, numa tomada de iniciativa operacional, a julgar pelos resultados anteriores, cuja situação esteve a favor das FAPLA. Por esse facto, era necessário

desorganizar e importunar as FAPLA desde as suas posições de partida em Cuito-Cuanavale.

A África do Sul aceita o pedido com a condição de apoiar as acções ofensivas das FALA, protegendo com o Batalhão-32, que por sua vez devia proteger as unidades da artilharia das SADF. Neste caso o ataque as posições das unidades das FAPLA na margem Oeste do rio Cuito-Cuanavale seria exclusivamente das FALA.

A defesa das unidades das FAPLA era constituída pela 25ª Brigada que ficava à Este do Cuíto-Cuanavale, enquanto a 13ª Brigada ocupava posições a Oeste, isto é, na outra margem do rio. Apesar da prontidão e posicionamento das forças da SADF, o ataque, não teve início no dia marcado, aguardando pela chegada de Savimbi.

Finalmente dia 15 de Agosto a artilharia das SADF começou o bombardeamento sobre a vila do Cuito e as unidades das FALA passaram ao ataque contra a 25ª Brigada, mas, 24 horas depois a outra unidade das FALA que tinha a missão de efectuar o ataque a 13ª Brigada não conseguiu, não cumpriu com a tal missão.

Durante os combates de 15 para 16 de Agosto daquele ano longínquo de 1986, houve reencontros em várias escaramuças, com certeza, algumas linhas foram acunhadas e perdidas temporariamente. O PC das SADF tinha a urgência em reportar aos seus superiores sobre os resultados dos combates a favor da

sua coligação, na medida em que havia grandes complicações sobre o cumprimento daquela missão.

Por isso é que para os Sul-Africanos teoricamente as tropas da UNITA chegaram a tomar o Cuito, enquanto a realidade era outra. A destruição da ponte era um problema do emprego de mergulhadores de sabotagem, além do fogo da artilharia pesada devidamente dirigida por correctores de fogo e o emprego de meios sofisticados que a artilharia da SADF possuía.

Convém enfatizar o seguinte: a artilharia de tipo G-5 era utilizada pela SADF pela primeira vez, era como um ensaio. Foram convenientemente utilizados os dados do reconhecimento artilheiro para a correcção do tiro. Ao mesmo tempo foi testada a incapacidade combativa das unidades regulares das FALA em como não estavam em condições de enfrentar as FAPLA ao nível de combates convencionais. Essa situação provocou um grande atraso para a reorganização das FAPLA para as novas missões ofensivas contra Mavinga que era o fundamental para a UNITA.

14-OPERAÇÃO MODULAR (1987)

A operação sul-africana sob código Modular realizada em 1987, tinha como objectivo, frustrar a ofensiva das FAPLA sob o código de Saudemos Outubro que visava a ocupação da vila estratégica da Mavinga. Tendo para o efeito a AS empregue a 20ª Brigada da SADF, que a semelhança das vezes anteriores

encontrando-se na zona de operações recepcionava subunidades de tanques e de veículos blindados bem como meios artilheiros de campanha, reativos e morteiros, juntamente com a infantaria que as protegia.

Em saudação ao 70º aniversário da Revolução Socialista dos Bolchiviques de 1917, o governo angolano atribuiu aquela operação o código de Saudemos Outubro com início dia 4 de Julho. A preparação da operação foi a vista de todos uma vez que as forças a concentrar no Cuito e no Menongue vinham de diversas regiões e frentes de combate para uma coesão cuidadosa.

No Mês de Abril de 1987 deslocamo-nos ao Cuito-Cuanavale na companhia do General Constantinov, Assessor do Ministro, para tratar de questões da chegada de unidades e da sua preparação para uma operação de alto nível. A semelhança das vezes anteriores os sul-africanos convencidos da incapacidade das FALA em defender-se e de parar a ofensiva governamental, mais uma vez foram em socorro delas realizando a operação defensiva sob o código Modular com início dia 04 de Agosto.

15-OPERAÇÃO HOOPER (1987)

O objectivo daquela operação Hooper era causar baixas consideráveis as unidades das FAPLA, em retirada depois de abortar a ofensiva e ao mesmo tempo isso retiraria a iniciativa

operacional, evitando assim uma próxima ofensiva a curto prazo, ou simplesmente uma reagrupação e reorganização para novas acções de alto nível

A operação Hooper foi a passagem das SADF da defesa para ofensiva e foi declarada com a chegada da 82ª Brigada no teatro de operações em substituição da 20ª Brigada.

16-OPERAÇÃO PACKER (1988)

A operação Packer, por sua vez tinha como objetivo “empacotar as Brigadas das FAPLA e deposita-las” na margem Oeste do rio, deixando assim a margem Este para todas as manobras que a coligação FALA-SADF necessitava de efectuar para terminar a derrota das FAPLA em toda a história do Cuito. Na essência, os combates dos dias 13 de Janeiro, 14 de Fevereiro e do decisivo dia 23 de Março eram por contiguidade a continuação das acções anteriores embora tivessem mudado de nome do código.

17-OPERAÇÃO DESPLACE (1988)

Em relação a operação Desplace os boers também divergem nos seus apontamentos ao depor sobre algumas acções e em diversas etapas. Há quem afirma que a operação Desplace

tinha por objectivo concluir a derrota das FAPLA na margem Oeste do rio Cuito-Cuanavale. Mas, contrariamente a isso, outros advogam que a Desplace como o próprio nome indica foi uma operação de retirada das SADF. cuja presença era simbólica e era baseada em unidades da artilharia de longo alcance para acções esporádicas de flagelamento as posições das FAPLA, enquanto o grosso das tropas da 82ª Brigada mecanizada se retirava.

Um outro objectivo era o de manter a pista do Cuito inoperante para evitar que a FAPA-DAA/FAAR colocasse em risco as unidades da coligação FALA-SADF.

CONCLUSÃO

Sobre as operações Modular, Hooper, Packer e Desplace, pouco tem de se falar porque felizmente se enquadram na batalha do Cuito de que muito já falou e que muito ainda há de se falar.

18-A BATALHA DE CANGAMBA (1983)

(Gentileza da Dra Ondina filha de Angola e Cuba, filme)

Não havendo muitos elementos sobre essa batalha arriscamo-nos a apresentar os poucos adquiridos.

Primeira Fase

A Batalha de Cangamba é um conjunto de combates havidos entre as FAPLA e as FALA na vila de Cangamba. Essa batalha teve a sua primeira fase em Março de 1983, tendo começando com uma série de movimentações das FALA (batalhões 07, 17, 66, 333, 618) dirigidos por Sheltox, Lutukuta, Edu, Muzengu e Ekumbi) com ataques a Cangamba e localidades adjacentes onde se defendiam pequenas guarnições de Destacamentos da ODP e Tropas de Infantaria Territorial.

A principal defesa estava confiada a 32ª Brigada na sede municipal com o mesmo nome, chefiada pelo Capitão Domingos Lino “Justa-Luta” ou então Cangamba, alcunha que adquire depois daquela batalha.

A 32ª Brigada também foi comandada pelo Capitão Sakapote depois o Capitão Paulino Ngola.

O comandante Cangamba viria a tombar no mês de Março de 1990 em Mavinga durante a operação Zebra na qualidade de

comandante do 41º Grupo Tático da Agrupação de Tropas Cuito-Cuanavale. Conheci-o em 1985 quando frequentávamos juntos a Academia Vistrel na URSS, nessa altura ele vinha 1ª RM onde também comandara a 70ª Brigada de Infantaria.

Em Cangamba as tropas das FALA realizaram uma operação ofensiva que visava tomar de assalto aquela vila.

Dia 03 de Agosto daquele ano, o Dr. Savimbi completava 49 anos de idade, essa ofensiva devia terminar com a consolidação das acções nas etapas posteriores e teria algum significado no aniversário do Presidente do Movimento do Galo Negro.

Descoberta em tempo a movimentação das FALA perspetivando um cerco a sede municipal e as tropas governamentais ali posicionadas, o comando superior decide canalizar meios logísticos por via aérea e com muitas dificuldades. Era a única saída possível e mais ou menos segura para minimizar as escassez de meios diversos, que as tropas da 32ª Brigada de Infantaria Ligeira que nas vésperas de ataques de envergadura e flagelamentos a qualquer momento do dia ou de noite.

Convém sublinhar que as acções das FALA tinham uma característica particular; o emprego da artilharia de campanha para os flagelamentos, era uma actividade que compreendia o fogo efectuado sobre as posições das FAPLA por períodos indeterminados.

Em 1983 o conflito armado angolano estava no seu oitavo ano, atingiu altos níveis, tendo a UNITA nessa altura criado as Frentes Politico-Estratégicas que já possuíam unidades regulares e semi-regulares entre outras unidades especiais e de apoio. Neste caso, Cangamba fazia parte da Frente ESTAMOS A VOLTAR, que era dirigida pelo Brigadeiro Tchilingutila.

A vila de Cangamba fica longe da capital do país Luanda, fica longe da cidade do Luena, da cidade do Menongue e também fica longe da cidade do Huambo. Afinal de onde deve sair socorro para Cangamba?

A defesa da vila era circular, as tropas da 32^a Brigada constituíam o anel externo enquanto no anel interno estavam cubanos, isto é, na direcção principal. No mês de Maio a população foi recomendada a construção de abrigos, com o fim de minimizar os efeitos do fogo da artilharia e dos morteiros das FALA.

As tropas cubanas abandonaram as casas para ocupar as trincheiras na defesa do sector atribuído.

Os grupos do reconhecimento das FAPLA intensificam a sua actividade, para determinar os movimentos e posições avançadas das FALA. Por sua vez, o reconhecimento das FALA fornecem dados a artilharia que realiza os assaltos de fogo contra alvos governamentais.

No mês de Julho terminavam as obras de fortificações engenheiras. Só no segundo anel havia cerca de dois quilómetros de trincheiras feitas para o tiro e manobras durante o combate.

Segunda Fase

A segunda fase tem início dia 02 de Agosto. Às 05H55 começava a preparação artilheira do ataque. Nos primeiros combates as FALA logram êxitos relativos dispondo quatro soldados das FALA contra um soldado das FAPLA. Mas as forças em defesa aproveitando os golpes da aviação e dos helicópteros amigos infligiram derrotas pesadas ao agrupamento em ofensiva (em ataque). O fogo das armas da defesa, bem combinado com os explosivos dos campos de minas abortou por várias vezes a ofensiva dos atacantes.

No dia 05 de Agosto o Comando da Task-Force das FALA, ordena ao Comando Operacional para que efetuasse a todo o custo o assalto final, utilizando todos os meios em sua disposição. As FALA em cumprimento das ordens lançavam ataques furiosos e maciços provocando alguns dissabores às FAPLA e à população civil. A situação deteriorou-se, mas a decisão de resistir era inabalável por todos defensores de Cangamba.

Depois de muitas horas de combate, as FAPLA perderam o rio e a vila, situação que se tornou uma grande preocupação porque o rio era a única fonte de água. Aqui começaram os problemas com a aviação que afinal preservava a vila do fogo dos bombardeamentos.

O comando superior das FAPLA, em tempo efectuou um desembarque na retaguarda para de certo modo desafogar o cerco. Na defesa de Cangamba propriamente dita os combates

prosseguiram de forma violenta. As FALA depois de testar todo o seu potencial e tendo concluído que não era possível efectuar o assalto final, dá lugar a aviação sul-africana (SAAF) e produzem-se combates aéreos da FAPA-FAR contra a SAAF.

No dia 06 de Agosto entram em combate mais três batalhões das FALA, pela madrugada começou a preparação artilheira sem precedentes e é infligido um golpe demolidor e o desespero dos defensores é total, os soldados das FALA parecem estar em todo lado, utilizando grupos especiais incluindo franco atiradores e corretores de fogo de artilharia.

No dia 08 de Agosto, o General Chilingutila decretava mais uma vez o assalto final, e na verdade a informação sobre a tomada de Cangamba muito precisava de ser confirmada, a verdade é que no terreno os combates continuavam.

Foi quando as FALA suspenderam temporariamente a ofensiva devido a resistência tenaz das FAPLA e tendo em conta o emprego massivo da aviação por parte da FAPA-DAA/FAR.

As FAPLA preparam forças desde as cidades do Huambo e também do Menongue, essas colunas o seu movimento estava calculado para três ou quatro dias para atingir a localidade de Cangamba, infelizmente essas colunas não chegaram a Cangamba para auxiliar a 32ª Brigada.

Contrariamente ao que se esperava as FALA suspendem a ofensiva e o Comandante da 32ª Brigada declara a vitória contra forças superiores. Foram sete dias e sete noites de combate sem descanso, faltou água e comida, cerca de 600 homens da

brigada e 180 cubanos lutaram lado a lado e tinham vencido um adversário poderoso.



(Gentileza da Dra Ondina uma filha de Angola e Cuba (material audiovisual)

Destaca-se o General Savimbi, Magnus Malan entre outros sul-africanos da época (foto de arquivo de Dino Estevão)

O POSFÁCIO PREAMBULAR

Neste pequeno apontamento falei das maiores operações sul-africanas contra a República Popular de Angola, num período de 13 anos. Convém sublinhar que quando a África do Sul começou com as invasões contra o nosso país, ainda não erámos independentes. Se assim se pode dizer, **Nico Diederichs** desejava criar uma situação semelhante a que se viveu na Timor Leste por conta da Indonésia, enquanto Portugal cruzava os braços fazendo olhos de mercador.

Por isso, devo dizer que quando em Agosto de 1975 tropas da SADF atacaram pela primeira vez as FAPLA na cidade de Ondjiva, nós não dispúnhamos de alguma força regular ao nível de enfrentar o agressor. Em Ondjiva havia sim, um pequeno grupo de guerrilheiros e de novos soldados que terminavam a sua formação em Kazage e ainda um grupo de recrutas no CIR do Péu-Péu.

Apenas mencionei alguns nomes dos jovens combatentes e comandantes que na altura faziam parte dos grupos e esquadrões pertencentes ao Estado-Maior da Frente Sul, que não se limitavam ao território do Cunene. Eles e de acordo a situação

podiam se encontrar um dia em Cuangar e no outro dia em Savate ou em Ondjiva.

Mas as referências aqui feitas apresentam alguns momentos das situações muito complicadas, pois, naquela altura o nível de organização dos estados-maiores e comandos territoriais era muito débil. Daí, não se puder esperar por vitórias na luta contra o invasor como a Africa do Sul. Além disso, havia ainda o conflito interno entre as forças dos ML.

As recordações aqui constantes são de um soldado, por isso, escrevo e descrevo vários episódios que a minha experiência permitiu nas diferentes etapas da guerra, cujas condições internas tiveram um suporte externo, com a África do Sul e o Zaire à testa.

Com efeito, o território do Estado-Maior da Frente Sul compreendia as províncias da Huila, Cuando-Cubango, Cunene e Namibe. O agrupamento de guerrilheiros do MPLA, as FAPLA, estava por conseguinte neste território distribuído. Mas repito, agrupamento de guerrilheiros na altura sem estrutura sólida e sem leis rígidas.

Aqueles guerrilheiros já denominados *FAPLA*, só tinham um ano de existência. Dia 01 de Agosto era o seu primeiro aniversário e dia 22.09.1975, eram inaugurados por um ataque das forças regulares da SADF.

Os nomes mencionados neste livro eram jovens não só em idade mas também em serviço militar. E entre eles, uns eram atiradores de armas ligeiras (AK, G-3, RPK, RPG-7, Bazuka e metralhadoras pesadas). Alguns desses jovens haviam cumprido a tropa portuguesa na totalidade, outros, nem por isso, porque o MFA que despoletou o 25 de Abril interrompeu o curso do serviço militar português nas colónias. A exemplo dos comandantes Quintino, Farrusco, Vidigal, Pedro Paz e outros tantos, mas não muitos.

Limitamo-nos a uma abordagem de um panorama geral da guerra, porque não é possível entrar em detalhes de cada combate travado por esses heróis. Como disse, não é possível a sua descrição sob pena de falsear factos que tiveram lugar nos diversos espaços e em diferentes épocas do território da antiga Frente Sul.

De igual modo, não é possível apresentar as acções ou até mesmo façanhas dos comandantes de Grupo, de Secção, de

Esquadrão ou até mesmo de Coluna que imbuídos de euforia e de heroísmo protagonizavam acções a exemplo de Kapuleko (1799), Haimbily (1863), Chietekera (1904), Mandume (1917), entre outros que enfrentavam os invasores da época com armas brancas.

Afinal Cunene em diferentes períodos de guerra teve a sua história particular e difícil. Na época em questão os bóeres fizeram o território do Cunene o pano para a *bainha* das suas invasões alegando perseguir a SWAPO, movimento de libertação, cujos *cafres* eram inferiores a raça branca de origem britânica ou holandesa, isto na visão do imperialismo da época.

A época que compreende o período de transição, já era de suma importância o papel dos activistas políticos. Ou seja, os dirigentes e responsáveis das delegações e comités de acção, de lugar e de vigilância aos distintos níveis. Destaca-se aqui as figuras dos camaradas Haylonda, Sinedina, Chapwanale, Konjasily, Albertina José, Ildefonso, Saumbwako, Haleinge, Gabriel Hikimote, Pedro Sekunangela entre outros que sempre estiveram na vanguarda para defesa dos interesses e da causa justa do povo angolano sob a bandeira da liberdade. A bandeira do MPLA.

Destaque-se aqui a figura do antigo professor Pedro Mutinde que no conjunto de muitos agigantou-se e chegou ao cargo mais alto na hierarquia da Província como Primeiro Secretário e Governador, onde permaneceu pouco mais de 20 anos, tendo assumido tais funções nos momentos conturbados das invasões de que estamos a abordar. E o governador Mutindi com o seu camarada Sinedina que nessa altura Coordenador do Partido foram os ícones dos maiores exemplos de governação em tempo de guerra.

Jerónimo Sinedina, por altura da operação *Protea* (1981) foi o último a sair da cidade capital no conjunto de alguns populares não seguiu imediatamente para Mulondo ou Cahama, Sinedina foi se embrenhar nas matas do Chimbango onde, foi recebendo informações sobre o evoluir da situação. Os seus emissários trabalhavam dia e noite para o acompanhamento das populações que caminhavam incessantemente na fuga para as zonas livres do governo angolano e só mais tarde seguiu para a verdadeira retaguarda nas terras da Huila.

De igual modo destaque-se a velha carina. Aquela que na qualidade delegada provincial da organização da Mulher Angolana (OMA) protagonizou os maiores espectáculos perante

as forças invasoras da SADF. Reza a história que a velha Carina não foi para muito longe ficou acompanhando o evoluir da situação e apresentava-se disfarçada de camponesa inocente na cidade e uma vez interpelada discutia com os chefes dos ocupantes. Entre outras senhoras da OMA constam os nomes de Isaura Chaves, Kadume, Mbelaasha, Pandeinge e aquela que viria ser a mãe exemplar a Albertina José, que dispensa apresentações foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Vice-governadora do Cunene por duas épocas diferentes e também foi deputada por 16 anos contínuos.

No período pós-independência, os jovens do Cunene não serviam apenas nas FAPLA, também participavam na Defesa Popular que pelas especificidades da guerra no território do Cunene, que servia de tecido para a bainha da guerra de invasões para Angola evoluíram para níveis de organização invejável, onde os comandantes África, Kaimbe, Matias Hidinifa, Nambinga, Caudêncio, Venedina, Hishiko, Hissitusy, Chindumbi, Ndungula, Guilherme, Nangolo e Nkulonda entre outros deixaram os seus nomes gravados com letras de ouro na memória do povo.

Durante treze anos de guerra de invasões a Angola, foram várias as atrocidades que o regime de Pretória mandava perpetrar entre as populações indefesas de Angola, principalmente ao longo da fronteira de onde as diversas forças e unidades especiais não se afastavam.

Angolanos traidores integravam tais unidades em troca de algum salário e eram os piores em maltratar os seus compatriotas. Eram especialistas em torturas à prática das piores atrocidades que nem vale apenas detalhar para evitar ressentimentos.

Depois da operação IAFuture (Agosto/1975), passaram-se apenas dois meses que se destinavam a conclusão da preparação dos futuros Batalhões 31e 32 compostos por tropas de Chipenda e de ex-membros das forças coloniais portuguesas (ex-PIDE, ex-FLECHAS entre outros grupos).

A operação que teve lugar a seguir, isto é, em Outubro é a famosa *Savannah* que tinha por finalidade impedir a proclamação da independência de Angola. Aconteceu numa altura que as FAPLA estavam na sua fase de reorganização, pois que, existiam há cerca de um ano. Ainda não possuíam estruturas organizadas e muito menos uma preparação de um exército regular. Desde o

Cunene as FAPLA tiveram que recuar até a cidade de Porto Amboim na Província do Cuanza-Sul. Neste percurso tiveram lugar vários combates e escaramuças de fustigação para retardar o avanço e progressão das SADF e no rio Queve fora organizada uma defesa já com ajuda das FAR.

Convém salientar o nome de Lambert, tratou-se de um oficial sul-africano que comandava as tropas da SADF em Ondjiva e que sem a sua assinatura no Livre-trânsito, ninguém podia chegar à fronteira de Santa-Clara. As tropas que (em vão) controlavam a vias de comunicações mormente a de Ondjiva-Santa-Clara não permitiam que os angolanos circulassem a seu bel-prazer.

Digo em vão, porque no dia 16 de Fevereiro de 1976 em Ondjiva, o Coronel Lambert fez um comício para as populações presentes (deslocados), onde se destacavam os portugueses que tardiamente desejavam rumar para África do Sul através da Namíbia.

Uma das premissas eram as vacinas. Numa Sexta-feira dia 13 de Fevereiro incidiu sobre as vacinas aos milhares de pessoas ali estacionadas com o propósito de transpor a fronteira. Febre tifoide, cólera e tétano eram as principais exigidas entre as populações. No dia 14 Sábado estavam vacinados cerca de quatro mil almas e autorizadas e entrar na Namíbia.

Ninguém deve se esquecer que era o momento da retirada das tropas da SADF de Angola sob pressão do ímpeto da ofensiva das FAPLA apoiadas pelas FAR. O pensamento segundo o qual as SADF eram invencíveis não corresponde a verdade, a proeza do Cuito-Cuanavale não foi a primeira derrota que Angola infligia contra a África do Sul racista da época. Era o fim da vergonhosa Operação Savannah (retirado do livro de Onofre dos Santos "Os Meus dias da independência")

Depois da independência os sucessivos governos da África do Sul não pararam, por isso é que seguiram-se uma onda de operações contra Angola partindo da fronteira Sul e Sudoeste.

A Província do Cunene durante todo o tempo de guerra recebeu filhos de toda Angola na condição de soldados e até professores (além da Brigada Dangereux), os filhos de Angola sacrificaram em prol do Cunene onde muitos derramaram o sangue e deram as suas vidas.

As brigadas das FAPLA 11^a do Major Braço Armado, 19^a do Capitão Armando da Cruz Neto, 2^a do Capitão Joaquim

Lopes “Farrusco” e a 67ª do 2º Tenente Antonio Rodrigues “Itembe” e na fase posterior a 3ª do Capitão Kataleco, 80ª do Capitão Queiroz, 390ª do Capitão Nasson, Volga do Capitão Metódio e nos batalhões de Infantaria Territorial 792 do Cuanhama, o 793 do Ombadja, o 794 da Cahama, o 795 do Curoca, o 796 do Cuvelai, o 797 Namacunde e ainda o 1º Batalhão Especial, estavam igualmente angolanos de todas as latitudes.

Em 1987 as FAR sob o comando do General Polo, para completar a derrota da SADF na 5ª Região (na Província do Cunene) empregaram brigadas de tanques (30, 40, 50, 60 e 80) Tchipa e Ndongwena foram regados com sangue de angolanos e cubanos.

A vitória sobre a SADF na batalha do Cuito-Cuanavale foi o culminar de um conjunto de batalhas nas diversas etapas pela soberania nacional e independência da Namíbia e o fim do Apartheid na África do Sul.

Ruacaná, Calueque, Cuamato, Onagwe, Naimbango, Santa-Clara, Melunga wa Shikongo, Oiko, Ongwe, Kasashi, Kadueya, Chiedy, Henhombue, Mulavy, Mulemba, Wambongo, Londo Iwa Menha, Yoónde, Luyaya, Samba Kalike, Chitequeta, Indungo, Cassinga, Olupale e...ficarão para todo o sempre na

recordação das noites não dormidas sob o ribombar da aviação e do roncar dos Búfalos, Kaspiris e Valkiries.

LISTAS DE ALGUNS COMANDANTES E COMBATENTES DAS FAPLA

Período pré independência

Frente Sul das FAPLA

Cow-Boy, Dack-Doy, Pedro Paz, Chinoveny, Spokis Lucas “Bota Fogo”, Nandjede, António Binga “Sem Medo”, Vietnam, Hilário, Fabiano, Vicente, Kambisula, Metódio, Hilukilwa, Valeriano Martinho, Clemente Dichivike, Zacarias Nasinjele, Vidigal, Kachitende, Zeferino Secunanguela, Tobias, Farrusco, Domingos Aleluia, Lemos Hipulavaly, Pedro Anessa, Peitema, Leandro Hissinduavali, Tchiloya, Pau-Torto-o Zé... uma lista sem fim....

Estes são os jovens que desde Ondjiva circulavam entre Cuangar, Savate, Menongue e Ondjiva para manter a presença das FAPLA e do MPLA naquelas paragens até que foi consumada a operação Savannah.

Período pós independência

5ª Região Militar

1º Comando

- Major Miguel João Luís “Ivadi” (Comandante fundador)
- Major Russo Fidel (da Rosa) CEM
- Major Ser Fiel Chefe da Logística
- Major Mau Chefe de Operações
- Major Sambalanga Chefe do Reconhecimento

Nas fases posteriores passaram os comandantes

- Tc António de Carvalho Condessa “Joka Toka”
- Tc Pedro Benga Lima “Foguetão”
- Tc Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”
- Tc Luis Pereira Faceira (último das FAPLA)
- 1º Tenente Salvador Nascimento Vaz “Gafarov”

11ª Brigada de Infantaria-1977-1983

- Major Braço Armado
- Major Afonso Maria de Ligório

- Capitão Joaquim Guilherme Tchiloya (último no Cuvelai)

2ª Brigada de Infantaria Motorizada 1977-1989

- Capitão Afonso Maria de Ligório (fundador na Matala)

- Major José Antonio “Voina”

- Capitão Joaquim Lopes “Farrusco” (com a transladação para Cahama)

- Capitão Chico Gomes

- Capitão Russo

- Capitão Matias Lima Coelho “Zumbi”

- Capitão Fernando José Pascoal “Nando Conyo”

- Capitão Jacob Ezequiel (último na Cahama)

19ª Brigada de Infantaria-1977-1989

- Capitão Armando da Cruz (fundador em Xangongo)

- Capitão Quibeto

- 1º Tte Francisco Furtado

- Capitão Kataleko

- Capitão Pascoal H. Pereira Inglês
- Capitão Jonatão A. Morais
- Capitão Joaquim Guilherme Tchiloya
- Capitão Simão Safa Cotripa
- Capitão João Carlos
- Capitão José Albino (último das FAPLA)

35ª Brigada de Infantaria

- Capitão Fernando Amândio Mateus (fundador na Jamba)
- Capitão Francisco “Quito”
- Capitão Bangão Mulemba Waxangola
- Capitão Elias Nicolau “Ponta Negra”
- Capitão Moises Sipopieny “Setevidas” (último no Yonde)

53ª Brigada de Infantaria Ligeira

- Capitão Guilherme
- Capitão Simão Safa Cotripa (último no Yonde)

Na localidade do Yonde formou o 4º Grupo Tático do Capitão Abel Schoman

6ª Região Militar

Quando o Coronel David Moisés “Ndozi” na qualidade de CEMG-Adjunto das FAPLA dirigia as operações naquele território, com destaque para a operação *Maio Vermelho*, o Tenente-coronel Zacarias Pinto “Bolingó” era o Comissário Provincial. Quer dizer, a antiga equipa dos defensores de Cabinda estava alí em peso.

O território da província do Cuando-Cubango, que foi um Sector Militar pertencente a antiga Frente Sul, antes de passar a denominação de 6ª Região Militar ao se desmembrar da recente 5ª Região teve a denominação de Zona Militar Sudeste, chefiada pelo Capitão João Matos ido do Luiana, onde comandava um batalhão.

Uma outra nota digna de registo é que havia a ideia de se atribuir a denominação de 7ª R/M quando ainda a 6ª R/M era a denominação do Comando Militar de Luanda, que primeiro funcionou no ex-RI-20 (actual Comando do Exército) e depois mudou-se para o Ambriz onde foi extinto.

A partir daqui ficou definido que a denominação 6ª R/M passava para o Cuando-Cubango, a denominação 7ª R/M passava para Benguela, em substituição do Comando Operacional de Benguela (COB) onde o Major Nobre Manuel Ernesto dos Santos “Ser Fiel” foi comandante também.

O novo Comando da 6ª R/M foi chefiado pelo Major Manuel da Costa António Kiako “Mundo Real”, depois substituído pelo Major João Baptista de Matos, seguiu-se o Major Armando da Cruz Neto, depois o Major Vietnam, o Coronel Deolindo da Rosa “Facho”, depois o Tc Ngueto e seguiu-se o Tc Fernando da Fonseca “Kahossy”.

Em 1988 a 6ª R/M voltava a denominação de Zona Militar pertencente a nova Frente Sul no quadro do novo pensamento militar. Depois de Kahossy, comandou a Zona o Tenente Coronel Pugleze, depois seguiu-se o Coronel Kussúmua e era o fim das FAPLA em 1992.

Arriscamos a apresentar alguns dos nomes dos famosos comandantes de brigada nas diversas fases da guerra naquela região e província ao mesmo tempo. Digo arriscamos porque aquela região teve uma particularidade se comparada com a 5ª R/M, devido a presença forte das unidades das FALA ao passo

que o Cunene teve uma guerrilha de baixa intensidade devido as suas condições geográficas tendo ficado à cargo das SADF.

No Cuando-Cubango, as primeiras brigadas tiveram como comandantes os jovens da época Eusébio de Brito, Seteko, Vietnam, Dantas, Zé Pedro, Dragão, Paulo Santana André “Diaulo”, Antonio Rodrigues “Itembe”, Assurreira, Kayaka, Ruben Sakayoya, Luís Mendes entre outros.

A respeito do capitão **Mateus Miguel Ângelo** “Vietnam”

Aquele que viria a ser o mais destemido comandante tático-operativo da 6ª Região natural do Cunene, mas vinha de Cabinda para comandar a 16ª Brigada de infantaria que lhe deixara em Cabinda com a denominação de 10ª Brigada.

O Capitão Vietnam foi enviado de Cabinda para comandar a 16ª Brigada que palmeiou o território da região com determinação e bravura. De recordar que nessa altura as FALA já se encontravam na sua fase de organização. Portanto, já possuía unidades regulares, onde soava muito o nome de colunas compactas. Foi contra aquelas unidades que a 16ª Brigada teve de combater diferentemente dos guerrilheiros da FLEC em Cabinda.

Quando o Major Armando assumiu o comando da Região chamou o capitão Vietnam para seu primeiro substituto (leia-se Chefe do Estado-Maior) e este depois tornou-se titular com o grau militar de Major. Foi nesta condição que foi eleito Membro do Comité Central do MPLA.

Na segunda fase destacam-se os comandantes Kuxixima, Nkossy, Ngueto, Pinto, Mujinga, Avança, Franco entre outros.

Na terceira fase os comandantes António Valeriano, António Ngueleka, Manuel Nzezeka, Arnaldo Kambisula, Domingos Lino Justa-Luta “Kangamba”, Napoleão, Missay, Katanguês, Metódio Dimulude, Machado, Jota, Diamantino, Van-Dunem, Fernando Tchongolola, Toy, Zongo e Moniz. Com certeza haverá outros não citados aqui.

Na quarta fase, além dos destacados cabos de guerra João de Matos, Lanucha e Furtado, foram atraídos veteranos como comandantes táticos, onde pode-se citar: Nascimento Salvador Vaz “Gafarov”, Kussúmua, Adriano Kaitungua, Carlos Sachimo, Santana, Rafael, Remígio, Soares, Donga entre outros. A lista não termina aqui, porque a guerra continuou até aos acordos de Bicesse (1991) estávamos a tratar do período das FAPLA, ou seja, da fase que enquadra o conflito pós independência.

Para esses grandes homens Angola era pequena.

LISTA GERAL DAS OPERAÇÕES

Lista completa das operações conduzidas pela Força de Defesa da África do Sul (SADF) de 1975-1988

- 1-Operação Savannah (1975) 1-Cunene, 2- Bié, 3- Huambo, 4- Huila, 5- Namibe, 6-Benguela, 7- C. Sul, 8- C. Cubango, 9- Zaire, 10- Luanda, 11- Moxico.
- 2-Operação Bruilof (1978) Cunene
- 3-Operação Seiljag (1978)
- 4-Operação Rena (1978)
- 5-Operação Rekstok (1979)
- 6-Operação Safraan (1979)
- 7-Operação Cética (Smokeshell) (1980) Ionde, Chitequeta e Indungo
- 8-Operação Vastrap (Julho de 1980)
- 9-Operação Klipklop (1980)
- 10-Operação Operação SAAF da Wishbone (Dezembro de 1980)
- 11-Operação Vasbyt (1981)

- 12-Operação Konyn (1981)
- 13-Operação Cravo (1981)
- 14-Operação Protea (1981)
- 15-Operação Margarida (1981)
- 16-Operação Kerslig (1981) Petrangol (Special Forces)
- 17-Operação Rekstok-III SAAF Operation (Março de 1982)
- 18-Operação Super (1982) Iona-Namibe
- 19-Operação Meebos (1982)
- 20-Operação Bravo (Angola) Operation SAAF (Outubro de 1982)
- 21-Operação Maanskyn SAAF Operation (1983)
- 22-Operação Drama (1983)
- 23-Operação Phoenix (África do Sul) (1983)
- 24-Operação Skerwe SAAF Operation (1983)
- 25-Operação Dolfyn (1983)
- 26-Operação Karton (1983)
- 27-Operação Klinker (1983)
- 28-Operação Askaris (1983) Cunene

- 29-Operação Nobilis (1984)
- 30-Operação Gordel (1984)
- 31-Operação Cabul (1985)
- 32-Operação Salamandra (1985)
- 33-Operação Boswilger (1985)
- 34-Operação Garça (1985)
- 35-Operação Argônio (1985) Cahama dentro da Askaris
- 36-Operação Magneto (1985)
- 36-Operação Papel de Parede (1985) C. Cubango
- 37-Operação Cerebus (1985)
- 38-Operação Abrasão (1985)
- 38-Operação Southern Cross (1986) C. Cubango
- 39-Operação Alpha Centauri (1986) C. Cubango
- 40-Operação Moduler (1987) “ “ ”
- 41-Operação Lenha (1987) “ “ ”
- 42-Operação Hooper (1988) “ “ ”
- 43-Operação Packer (1988)
- 44-Operação Excite / Hilti (1988)

45-Operação propensa (1988)

46Operação Vuiswys (1988)

47-Operação Desplace (1988)

48-Operação Merlyn (1989)

49-Operação Linger (1989)

50- Operação Acordo (1989)

Nesta lista não aparece a operação IAFuture mas consta no texto como a primeira, porque na verdade ela teve lugar como primeira acção quer para guarnecer a barragem hidro-eléctrica do Calueque como no ataque e ocupação da cidade de Ondjiva. Alguns apontamentos sul-africanos denominaram-na de *Balão de Observação I e II*.

LISTA DOS PRINCIPAIS DIRIGENTES MILITARES

Comandantes das Forças Armada da RAS

General

Mandato

Pieter Grobbelaar SSA, DSO	1 Janeiro 1961	31Dezembro 1965	4 anos, 364 dias
(1908–1988)			

General

Rudolph Hiemstra SSA, SM	1 Janeiro 1966	31 Março 1972	6 anos, 90 dias
(1912 – 2007)			

Almirante

Hugo Biermann SSA, SD, OBE, GCIH	1 Abril 1972	31 Agosto 1976	4 anos, 152 dias
(1916–2012)			

General

Magnus Malan SSA,	1 Setembro 1976	6 Outubro 1980	4 anos, 35 dias
--------------------------	--------------------	-------------------	--------------------

OMSG, SD, SM

(1930–2011)

General

**Constand Viljoen SSA,
SD, SOE, SM, MMM,**

7 Outubro
1980

30 Outubro
1985

5 anos,
23 dias

ORB

(1933–2020)

General

**Johannes Geldenhuys
SSAS, SD, SOE, SM,**

1 Novembro
1985

31 Outubro
1990

4 anos,
364 dias

GCIH, ORB

(1935–2018)

General

**Andreas Liebenberg
SSAS, SD, SOE, SM,**

1 Novembro
1990

31 Outubro
1993

2 anos,
364 dias

MMM

(1938–1998)

General

**Georg Meiring SSAS,
SD, SM, MMM, ORB**

1 Novembro
1993

30 Abril
1994

180 dias

(nascido em 1939)

Comandantes do Exército

Tte General

Mandato	1 Janeiro	30 Novembro
Charles 'Pop' Fraser SSA, SM	1966	1967
(1915–1994)		

Tenente General

	1 Dezembro	30 Junho
Willem Louw SSA, SM	1967	1973
(1920–1980)		

Tenente General

	1 Julho	31 Agosto
Magnus Malan SSA, OMSG, SD, SM	1973	1976
(1930–2011)		

Tenente General

	1 Setembro	6 Outubro
Constand Viljoen SSA, SD, SOE, SM, MMM, ORB	1976	1980
(nascido em 1933)		

Tenente General

	7 Outubro	30 Outubro
Johannes Geldenhuys SSA, SD, SOE, SM, MMM, GCIH, ORB	1980	1985
(1935–2018)		

Tenente General

Andreas Liebenberg SSAS, SD, 1 Novembro 28 Fevereiro
SOE, SM, MMM 1985 1990
(1938–1998)

Tenente General

Georg Meiring SSA, SD, SM, 1 Março 31 Outubro
MMM, ORB 1990 1993
(nascido em 1939)

Tenente General

Hattingh Pretorius SD, SM, 1 Novembro 31 Dezembro
MMM 1993 1994
(1942–2008)

Tenente General

Reginald Otto SD & Bar, SM, 1 Janeiro 30 Junho
MMM 1995 1998
(nascido em 1943)

Tenente General

Gilbert Ramano SSAS, SD, 1 Julho 31 Maio
MMS, MMM, MMB 1998 2004
(nascido em 1939)

Tenente General

Solly Shoke OMBG, SBS, MMS,	1 Junho	1 Maio
OMS	2004	2011
(nascido 1956)		

Comandantes da Força Aérea

Tenente General

Mandato			
Henry 'Kalfie' Martin SM,	1 Maio	30 Novembro	2 anos,
CBE, DFC	1965	1967	213 dias
(1910–2000)			

Tenente General

Jacobus Verster SSA, SM	1 December	28 February	7 anos,
(1919–1981)	1967	1975	89 dias

Tenente General

Robert 'Bob' Rogers SSA,			
SM, MMM, DSO, DFC &	1 Março	30 Novembro	4 anos,
bar	1975	1979	274 dias
(1921–2000)			

Tenente General				
Michal Muller SSAS, SD	1 Dezembro	29 Fevereiro	4 anos,	
(nascido em 1930)	1979	1984	90 dias	
Tenente General				
Denis Earp SSA, SD, SM,	1 Março	30 Junho	4 anos,	
SOE	1984	1988	121 dias	
(nascido em 1930)				
Tenente General				
Jan van Loggerenberg				
SSAS, SD, SOE, SM,	1 Julho	31 Outubro	3 anos,	
MMM, ORB	1988	1991	122 dias	
(nascido 1935)				
Tenente General				
James Kriel SSAS, SD,	1 Novembro	30 Abril	4 anos,	
SM, MMM	1991	1996	181 dias	
(1942–2016)				

Comandantes da Marinha de Guerra (Armada)

Comodoro			4 anos,	
Mandato	30 Junho	1951	211 dias	—

Frederick Dean OBE 1 Dezembro

(1900–1983) 1946

Brigadeiro

Pieter de Waal CB, 1 Julho 30 Novembro 1 ano, —
CBE 1951 1952 152 dias

(1899–1977)

Vice Almirante

Hugo Biermann 1 Dezembro 31 Março 19 anos, —
SSA, SD, OBE, 1952 1972 121 dias
GCIH

(1916–2012)

Vice Almirante

James 'Flam'
Johnson SSA, SM, 1 Abril 30 Setembro 5 anos, —
DSC 1972 1977 182 dias

(1918–1990)

Vice Almirante

Johan Charl Walters 1 Outubro 30 Janeiro 2 anos, —
SD, SM, MMM 1977 1980 121 dias

(1919–1993)

Vice Almirante

Ronald A. Edwards	1 Fevereiro	30 Setembro	2 anos,	—
SSAS, SM, MMM	1980	1982	241 dias	
(1923–2014)				

Vice Almirante

Andries P 'Dries'	1 Outubro	30 Junho	2 anos,	—
Putter SSAS, SD,	1982	1985	272 dias	
MMM				
(1935–2014)				

Vice

Almirante

Time

Glen Syndercombe	1 Julho	31 Março	3 anos,	—
SSA, SD, SOE, SM,	1985	1989	273 dias	
MMM				
(1931–2005)				

Vice Almirante

Andries P 'Dries'	1 Abril	30 Junho	1 ano,	—
Putter SSAS, SD,	1989	1990	90 dias	
MMM				
(1935–2014)				

Vice Almirante

Lambert J 'Woody'

Woodburne DVR,

SD, SM

(1939–2013)

1 Julho
1990

31 Agosto
1992

2 anos,
61 dias

—

Vice Almirante

Robert Simpson-

Anderson SSAS, SD,

SM, MMM

(nascido em 1942)

1 Setembro
1992

31 Outubro
2000

8 anos,
60 dias

—

AS SENTINELAS DO SUL UM SÉCULO DEPOIS

1. A BATALHA DE OMBADJA

Nota Breve

O tema em questão faz uma abordagem sobre a batalha de Ombadja, ou ainda a vitória dos cuamatwis no Vau do Pembe: Está em causa uma batalha onde a resistência dos autóctones infligiu aos portugueses uma derrota pesada já mais vista na história das guerras do Sul de Angola na época, portanto, uma vitória singular. Os colonialistas na sua luta pela conquista e ocupação do Sul de Angola concretamente no antigo distrito da Huíla que naquela altura abrangia territórios da actual província do Cunene e parte do Cuando-Cubango morderam o pó vermelho naquelas paragens.

A preparação das operações militares naquela parcela do terreno exigia a mobilização de recursos quase em toda a colónia para apoiar o esforço de guerra. Moçâmedes e Benguela detinham os terminais marítimos, logo, jogavam um papel importante senão mesmo determinante.

A estrutura administrativa de então era simples, os titulares do poder eram na sua maioria militares de carreira, que apesar de serem políticos cabia-lhes a responsabilidade de conduzir as operações de forma directa, isto participando em combates.

Antecedentes históricos

Analizando o período de 1878 a 1926, isto é, da monarquia até ao golpe de Estado que dá origem a criação da 1ª República, apenas um único Governador-Geral, Vasco Guedes de Carvalho e Meneses (1878-1880), o primeiro deste período que não mandou o exército para combates. Todos os outros, sem excepção tiveram de enfrentar vassallos sublevados ou vizinhos que haviam que submeter à força. No fim deste crucial período de 48 anos, os portugueses podiam dizer pela primeira vez que eram os verdadeiros senhores de Angola. Mas a que preço? (René Pélisier 1997 p-233). Quarenta e cinco anos entrecortados de combates, pois, só três dos 48 considerados escaparam à lei do gládio (idem).

Ao abordamos a batalha do Ombadja (25-07.1904), é necessário fazer a relação com factos e acontecimentos referentes a períodos anteriores sobre a ocupação e colonização das terras de Angola. Estarão em causa a observação de fases, etapas e períodos distintos ao longo da ocupação estrangeira, precedidos pelas viagens de expedicionários europeus.

Depois da ocupação e aparente consolidação das terras do Norte e Centro, (porque o Leste nem por isso, tratando-se do longínquo sertão), com maior expressão no litoral (Luanda, Sumbe e Benguela), Moçâmedes foi o ponto de apoio determinante para a ocupação do Sul de Angola. Havia chegado o momento em que vasto território do Sul tinha de ser ocupado pela administração do Governador-Geral Custódio Miguel de Borja que parecia incapaz de submeter a resistência dos negros *cuamatwis* aliás, *ovambadja*.

Convém referir, que em 1904 o distrito da Huíla estava separado de Moçâmedes de que fez parte cerca de 70 anos, (decreto de 02 de setembro de 1901), depois dos dois terem dependido de Benguela mais de 200 anos (B.O. 619 de 8.8.1857).

Os sucessivos representantes da administração colonial portuguesa tiveram dificuldades em avassalar os autóctones. Todas as armas foram usadas, o comércio, a religião, a pacificação, a colonização e por último a guerra, começando pelas épocas anteriores, até ao período que vai de 1845 a 1941, ano em que teve lugar a última insurreição dos helelos de Angola em Moçâmedes ou Namibe.

Organização e preparação da campanha

No ano 1904 era governador da Huíla Capitão de Engenharia João Maria de Aguiar. As nações africanas da época não eram apenas detentoras de poder mobilizativo das massas, como consequência do perigo da ocupação estrangeira eminente. Os soberanos possuíam um alto de nível de organização, bem como poderes económicos para suportar as despesas da guerra, no asseguramento multilateral e já faziam alianças militares.

Trata-se de um facto pouco considerado pelos europeus na guerra de ocupação. As informações que pudessem obter eventualmente acerca da organização dos Reinos e Estados africanos pouca importância lhe era prestada. Do outro lado, na África ocidental alemã travam-se combates contra as autoridades negras destacando-se o poderoso Rei Samuel Maherero que deu origem ao grupo étnico linguístico Herero.

A preparação da operação contra o Cuamato teve como base as forças já existentes para a defesa dos territórios do distrito da Hula. No final do ano de 1903, a Huiíla possuía duas companhias indígenas, uma companhia mista, um esquadrão de dragões e uma secção de artilharia, 38 cavalos e mulas e 263 espingardas, isto é, ao todo, um terço das forças estacionadas na Lunda e metade do distrito de Benguela. Essas forças contavam com voluntários portugueses e boers.

Para o nível de operação que se preparava, que segundo João Maria de Aguiar não se tratava de uma repressão de insurretos, mas sim de ocupação, já que também era necessário mostrar aos alemães que os territórios do Cuamato e do Cuanyama eram por contiguidade terras de Camões. Por isso, no início de 1904 foi preciso um grande esforço para preparar um

agrupamento de forças que pela primeira vez aparece no Humbe destinado a punir severamente o *gentio africano* ou ainda a *pretalhada* como ousaram chamar.

Tratando-se de forças de carácter (moderno) de então, dispunham dos seguintes efectivos: 40 oficiais, 467 soldados europeus (dos quais 91 artilheiros, 105 cavaleiros, soldados disciplinares, soldados sapadores, soldados dos serviços de saúde e dos transportes, dez metralhadoras da armada), 613 soldados africanos, ou seja, 1160 militares e apenas 11 auxiliares europeus, 420 ovatchimba do Orlog e 500 ovahumbe.

A organização e planificação feitas acerca de 500 kms isto é, em Sá da Bandeira, tinha até aqui dado ares de algum triunfalismo, apesar de que tratava-se de uma marcha com muitos doentes principalmente de malária e da disenteria que assolava sobremaneira os efectivos entre europeus e africanos. Todos esforços de completamento de formas a manter alto o moral e capacidade de reposição, de tratamento e de uma assistência médico-sanitária necessária foi quase que correspondida, apesar de morrer muita gente pelo caminho: Na localidade do Humbe concentrou-se uma força poderosa nunca antes criada.

Condução da batalha

Em Agosto de 1904, organiza-se uma coluna militar com forças vindas expressamente da então Metrópole e com outros elementos recrutados na então colônia de Angola.

O Comando da operação fora confiado ao próprio governador. O objectivo imediato era a ocupação do Cuamatwi e do Cuanyama visando particularmente, o estabelecimento de uma rede de postos militares que garantissem a “pacificação” daquelas terras e impedir os povos da Damaralândia, quando batidos pelos alemães, que viessem acoitar-se no território, provocando possíveis incidentes fronteiriços, ou pelo menos, o internamento de forças alemãs naquelas regiões, sob pretexto de perseguição. Já que a divisão fronteiriça, feita pela Conferência de Berlim não respeitara o parentesco étnico. O movimento das populações fazia-se com toda a facilidade de um lado para o outro.

A coluna militar deveria dirigir-se para Ondjiva, residência do Soba Grande do Cuanyama, sujeitando-o definitivamente à soberania portuguesa, ocupando a região com

postos militares. Mas deveria começar por “bater” o *Cuamatwi*, aliado tradicional do Cwanyama e igualmente ativo e resistente.

A Força de Tarefa-Táctica era composta de 1800 homens, 120 solípedes, 7 bocas de fogo e 45 carros bóeres, as operações militares iniciaram a 19 de Setembro, com passagem do rio Cunene no Vau do Pembe. Coube ao Capitão Gomes da Costa o comando de pequenas forças e de auxiliares que atacaram previamente a primeira linha defensiva *Cuamatwi*, que com tiroteio nutrido, pretendiam opor-se ou dificultar a passagem do rio.

Efectuada a passagem sem maiores dificuldades as tropas bivacaram na margem esquerda do Cunene. Durante três dias, o *Cuamatwis* alvejaram de longe, permanentemente as tropas bivacadas. Pensava-se na execução de um reconhecimento de pequenas operações para alívio do bivaque.

Efectivamente, no dia 23 de Setembro, o Capitão Gomes da Costa comandou um reconhecimento pelo combate em direcção a Naluheque, afim de aliviar o acampamento português e acabar com as incursões constantes que muito fatigavam as tropas bivacadas.

No dia 25 de Setembro a missão foi confiada ao Capitão Luís pinto de Almeida chefiando um novo reconhecimento pelo combate em profundidade, desta vez com forças mais numerosas – cerca de 500 homens e dois canhões. No rasto dos guias, a força militar penetrava cautelosamente, na floresta, em direcção a Umpungu, sem que os cuamatwis se manifestassem.

Quando o grupo desembocou numa clareira cercada de colinas, sucedeu o imprevisto. Só então notaram que o cume dos montes estava pejados de homens bem armados e preparados para o ataque, dando a impressão que as tropas tinham sido conduzidas para ali propositadamente para o massacre.

Os soldados portugueses formaram rapidamente o habitual quadrado de combate, disparando precipitadamente para todos os lados. Os cuamatwis desencadearam imediatamente um ataque cerrado atirando com destreza. Visavam especialmente os oficiais e a cavalaria, como guerreiros bem treinados. Os auxiliares precipitam-se, desorientam-se, disparam com desespero, cegamente, esgotando as munições.

O comando português só tardiamente reparou no desperdício de munições, ordenando que fossem poupadas, enquanto despacha alguns mensageiros para o bivaque a pedir

auxílio de reforços. O tiroteio ouvia-se nitidamente no acampamento, mas o almejado socorro tardou tanto que veio a ser inútil.

Já sem munições, as tropas portuguesas carregam à baioneta, vendo-se imediatamente envolvidos por milhares de guerreiros cuamatwis que os esmagavam, golpeando, fuzilando a queimadura com toda a espécie de armas.

Ressoa então o clarim para ordenar a retirada organizada, levando mortos e feridos. Mas o toque confuso veio aumentar ainda mais o pânico, provocando a desordem em vez da união que se esperava. Os ânimos dos guerreiros cuamatwis recobriram-se com a vitória que já se definia e desencadeiam um aniquilamento completo do invasor.

Os portugueses, uns fogem, enquanto outros procuram redimir aquela hora de vergonha com actos de heroísmo inverosímil. Há oficiais e sargentos que abrem caminho por entre o grupo de guerreiros à força de espada.

Entre eles encontra-se o tristemente célebre João Roby, oficial da marinha, já provado nas campanhas de Moçambique.

Já o seu corpo se encontrava crivado de golpes e mesmo assim, manejava a espada sobre um montão de cadáveres.

Como ele, outros soldados não quiseram recuar. Foram esmagados pelo número imenso de cuamatwis (leia-se ovambadja) naquele combate corpo a corpo, abrindo caminho entre o grupo de oponentes que crescia sempre. Por fim o combate foi liquidado ficando o campo juncado de cadáveres dos portugueses – 16 oficiais, 12 sargentos, 109 soldados europeus, 168 praças nativas – e alguns cuamatwis (fala-se de algumas centenas) ”.

Outros registos apresentam: 16 oficiais mortos ou desaparecidos, 1 ferido; 6 sargentos e soldados europeus mortos; 88 desaparecidos, 25 feridos; 3 soldados indígenas mortos, 142 desaparecidos, 50 feridos. Ao todo, 255 mortos ou desaparecidos e 50 feridos. Em termos de meios materiais dois canhões, dois carros de munições e várias centenas de espingardas, nenhum prisioneiro.

O comando português justificou-se, dizendo que o massacre fora devido à inaptidão de um comando irresoluto e a traição dos guias, esta derrota lusa foi catalisadora para outros focos de revolta contra o invasor em todo o território do então

Distrito da Huíla. Dai a nomeação para Governador-Geral de Angola Ramalho Curto enquanto para a Huíla era nomeado o Capitão Alves Roçadas e começa-se a preparação para novas campanhas.

Conclusões

A história registou uma serie de campanhas onde se enquadram operações, combates e batalhas entre os resistentes de territórios que constituíram a Angola conhecida dos nossos dias. Contamos portugueses e holandeses no Norte; portugueses, alemães e ingleses no Sul. O objectivo era único, ocupar e colonizar para melhor explorar as terras de África consideradas virgens e ainda por descobrir.

Os colonialistas obcecados pela conquista das terras do *el dourado*, não tinham a menor ideia do que havia de acontecer ao fim de quase 500 anos da longa noite colonial. Numa missiva do General Pereira D`ça dirigida ao governador da África Ocidental Alemã, dizia que não havia disputas entre o reino dos Ovambo e Estado português, havia sim, uma insurreição de homens que cumpriam ordens de um tal rei dos Ovambo contra as autoridades do Estado português.

Estava claro que os portugueses julgavam invencível o poder dos homens do-além-mar. Porém, tal como nas batalhas anteriores de Ambuila, de Pungo Andongo, Kakulu-ka baça no Norte de Angola, do Ndulu, Balundu no Centro, tudo isto no Séc-XIX, a batalha do Vau do Pembe em Ombadja, completara a derrota colonialista ainda que temporária dos portugueses.

2. A Batalha da Môngua

Esgotadas as vias diplomáticas, Lisboa, em 1915, passados apenas 11 anos, Portugal prepara uma expedição contra Mandume. O Comandante – Em - Chefe dela é o General Pereira de Eça, cognominado “Pêra D’ação”, nomeado Governador de Angola e que aqui chega a 21 de Março desse mesmo ano.

Bafejado pela sorte à sua chegada, toma conhecimento de que os alemães, suporte logístico e moral de Mandume, haviam sido derrotados pelo General Botha, e, o território da Namíbia, de alemão tornara-se inglês, favoráveis a Portugal. Assim a luta ficará limitada a portugueses e kwanyamas.

Para ambas as partes, as cacimbas da Môngua, no caminho para a Embala de Ondjiva, palácio do Rei Mandume, eram vitais e, é ali que se desenrola encarniçada batalha. (por ironia do destino, como veremos mais adiante, Môngua vai ser o ponto de viragem da guerra entre o exército angolano e o da racista África do Sul, pondo fim há mais de dois anos de ocupação de parte da província do Cunene).

Cercados por uns dois mil combatentes kwanyamas, durante vários dias, com as reservas de água e alimentos a esgotarem-se, os invasores estiveram prestes a sucumbirem. Valeu-lhes o socorro de um novo destacamento vindo do Kwamatwi.

Depois daquela batalha desigual, em número de homens e qualidade de material bélico, as tropas lusas prosseguiram o avanço e ocuparam a capital do reino, Ondjiva, à 05 de Setembro de 1915. Mandume refugia-se em Oihole, na zona (neutra) que separa o território angolano com a Namíbia e ali instala nova Embala.

Procura ainda a mediação britânica, junto dos ocupantes. Pereira De Eça responde que Mandume deixou de contar e, acrescenta:

“Como sempre, torna-se imperioso reescrever a História nos exactos termos em que a ditam os triunfadores. Não se trata de hostilidade entre as forças do meu comando e as do Chefe da Nação Ovampo, e sim o facto de as tropas do meu comando, atravessando território incontestavelmente português, serem atacadas por gentes que têm como soba Mandume. É pois de um acto de pura rebeldia que se trata e que tem de ser encarado como estados soberanos encaram casos análogos”.

O medianeiro britânico Pritcher, que enviara o pedido de mediação, emudece.

Pereira de Eça fingia ignorar que antes da chegada dos europeus nessa região, já existia o Estado/nação kwanyama do qual, naquele momento, o rei absoluto era Mandume. Fingia também desconhecer que, aquela terra não era portuguesa, nem alemã, mas de Mandume como ele fez questão de sublinhar, muitas vezes.

Perante a resposta, o rei não cruza os braços. Nos últimos meses de 1915 ao longo de todo o ano de 1916, com cerca de dois mil combatentes e quinhentas espingardas, entrega-se à

guerrilha. Faz vida negra tanto a ingleses (na Namíbia) como aos portugueses (em Angola).

A morte de Mandume

Em Outubro de 1916, numa emboscada, aniquila um oficial britânico e dezassete militares que saíam de uma reunião de concertação contra ele. E desafia-os:

“Se os ingleses me querem, estou aqui, e podem apanhar-me. Não dispararei o primeiro tiro, mas não sou um touro do mato; sou um homem e não uma mulher; combaterei até ao último cartucho. Estou pronto”.

A 06 de Fevereiro de 1917, os ingleses avançam sobre Oihole com cerca de setecentos cavaleiros. Oihole, defendida pelo rei com a sua guarda pessoal, é varrida a tiros de metralhadora. Atingido, Mandume é retirado do local por um grupo de lengas que o fazem repousar à sombra de uma árvore. Encarando-os, o rei pergunta-lhes se aceitam transformar-se em moleques dos brancos. Os lengas respondem que será preferível

morrer. Então, visando-os um a um, com a sua 'Mauser', sacrifica-os. Virando depois a arma contra si, pôs igualmente termo a vida.

Os ingleses encontram-no morto, mais tarde. Um dos oficiais decapita-o, enquanto o outro tira o cinto do rei e cinge-se. O decapitador fica cego até a morte, enquanto o que usa o cinto fica paralisado da cintura para baixo.

Era a manifestação dos poderes ocultos do Rei.

A grandeza de Mandume foi espelhada por vários historiadores e cantada por vários poetas angolanos e namibianos. No entanto, foi o missionário Alfred Keiling que teve a singular oportunidade de ser hóspede do Rei e com ele conviver, quem dá a seguinte informação:

“O Rei Kwanyama tem 330 ministros, sendo 300 espalhados pela terra e outros 30 ao lado de si. Tem uma guarda pessoal de 100 soldados, escolhidos entre os mais esbeltos mancebos dos seus estados.

Cada soldado tem uma espingarda 'kropatschek' e, os ministros, 'Mrtiny' e 'Mauser'.

Ao seu serviço particular, traz Mandume 200 moços e 100 raparigas. Não é casado. O Rei Mandume tem de seus 17 cavalos e cerca de 800 bois. Há-de haver no Kwanyama coisa de 100 espingardas, 20 das quais, todas de calibre diferente pertencem a Mandume.

Além dos 100 soldados que lhe fazem a guarda. as outras acham-se distribuídas entre 330 lengas (oficiais) e ministros, dispendo cada duas ou três para as guerras ou a defesa da sua aldeia".

Com a morte de Mandume, cai o último bastião da resistência a ocupação colonial em Angola.

Em 1940/41, isto é, 23 anos depois houve no Namibe a revolta dos ovakuvale ao que foi reprimida pela máquina colonial de forma exemplar segundo a visão do governo da época. Só 21 anos depois veio despoletar a revolta de 1961 que se transformou em início da luta armada.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAA	-----	Artilharia Antiaérea
AS	-----	África do Sul
B. O.	-----	Boletim Oficial
CCMMAS	-----	Comissão de Controlo Mista Militar Angola e África do Sul
DAA	-----	Defesa Antiaérea
EMG	-----	Estado Maior General
ELP	-----	Exército popular de Libertação de Portugal
FLECHAS	-----	Forças Auxiliares Portuguesas
FALA	-----	Forças Armadas de Libertação de Angola
FAPLA	-----	Forças Armadas Populares de Libertação de Angola
FAR	-----	Forças Armadas Revolucionárias
FNLA	-----	Frente Nacional de Libertação de Angola
FUA	-----	Frente de Unidade Angola

GOC -----Forças Conjuntas de Combate (sigla inglesa)

KATANGUESES -----Exército do Katanga

KOVOET -----Polícia Política do SWA

KUFUTA -----Topas Territoriais do SWA

PCDA -----Partido Cristão Democrático de Angola

UNITA -----União Nacional para a Independência Total de Angola

FNLA -----Frente Nacional de Libertação de Angola

ODP -----Organização Popular de Angola

RSA -----República Sul-Africana

FAPA -----Força Aérea Popular de Angola

SAAF-----Força Aérea Sul-Africana

SADF-----Forças de Defesa da África do Sul

SAP-----Polícia Sul-Africana

PC -----Posto de Comando

PLAN -----Exército de Popular de Libertação de Angola

SWAPO -----Organização dos povos do
Sudoeste Africano

SWATF ----- Tropas do Sudoeste Africano

TGFA -----Tropas de Guarda Fronteira de
Angola

REFERÊNCIAS

- al, A. e. (2013). *Dicionário de Língua Portuguesa Prestígio*. Luanda: Porto Editora.
- Baluarte da Paz, Ministério da Defesa 1988. (1988). *Baluarte da PAz*. Paris: Berger Livrrault.
- Bello, J. L. (2009). *Metodologia Científico*. Rio de Janeiro: Do autor.
- Breytenbach, J. (2004). *The Buffalo Soldiers*. República Sul-Africana: Galago Publishing, 2ª ed.
- Douglas Wheeler, R. P. (2013). *Histórias de Angola*. Lisboa: Tinta da China e Ltda.
- Fabiano da Silva, F. C. (s.d.). *Metodologia de Pesquisa (Um Guia Prático)*.
- Filho, J. M. (s.d. de Agosto de 2019). *Orientação Monografias*. Luanda, Luanda, Talatona: Centro de Formação Saber.
- Kapuscinsk, R. (1983). *Mais Um Dia de Vida Angola 1975*. Porto : CAmpos de Letras.
- Marques, A. (2013). *Segredos da Descolonização de Angola*. Alfragide- Portugal: Dom Quixote.
- N/R (Realizador). (2006). *A Batalha de Cangamba* [Filme].
- W.S.Waals. (2015). *Guerra e Paz. Maio*. Pretória SA: Marta Ramires.

As Armas Já Cumpriram a sua Missão (2009) Mufingwa.
Caderno de Documentação Política/ Revista Militar
(1981), DPN:Luanda

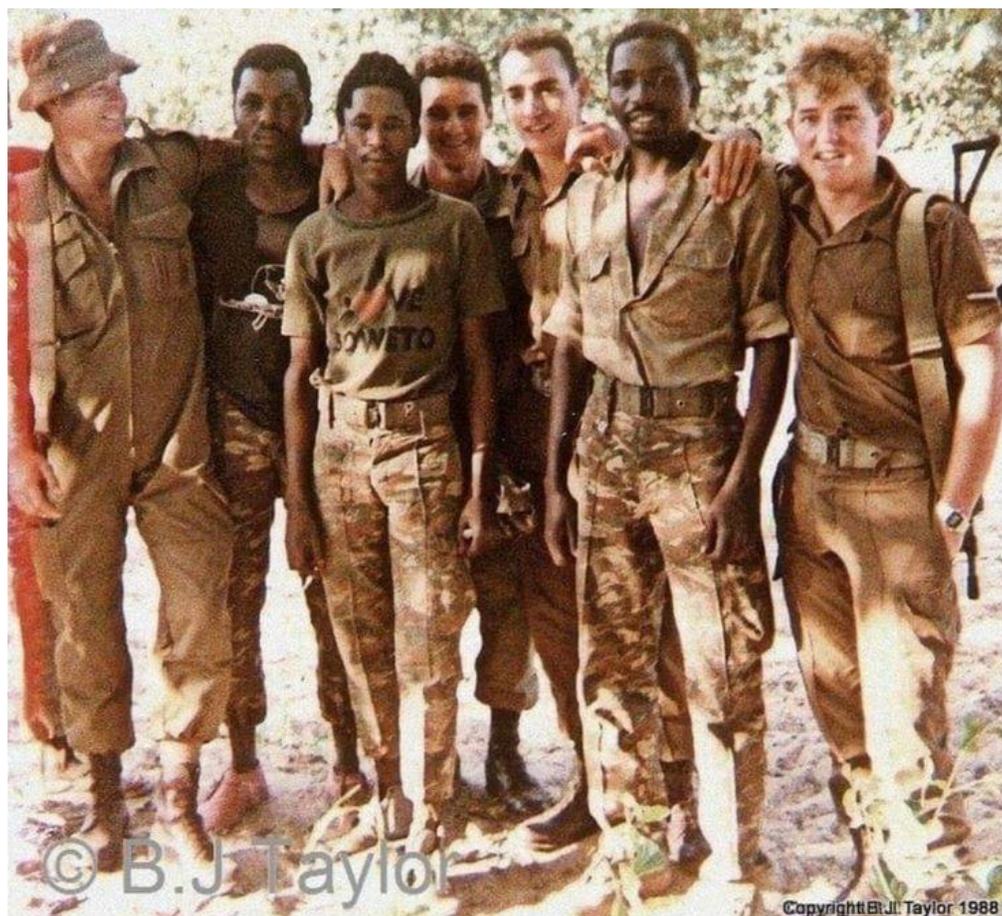
Onofre dos Santos. (2013). Os Meus Dias da
Independência

Documentos electrónicos: sites do google

[Pt.wikipedia.org/wiki/guerra de fronteiras](http://Pt.wikipedia.org/wiki/guerra_de_fronteras)

ALBUM

1



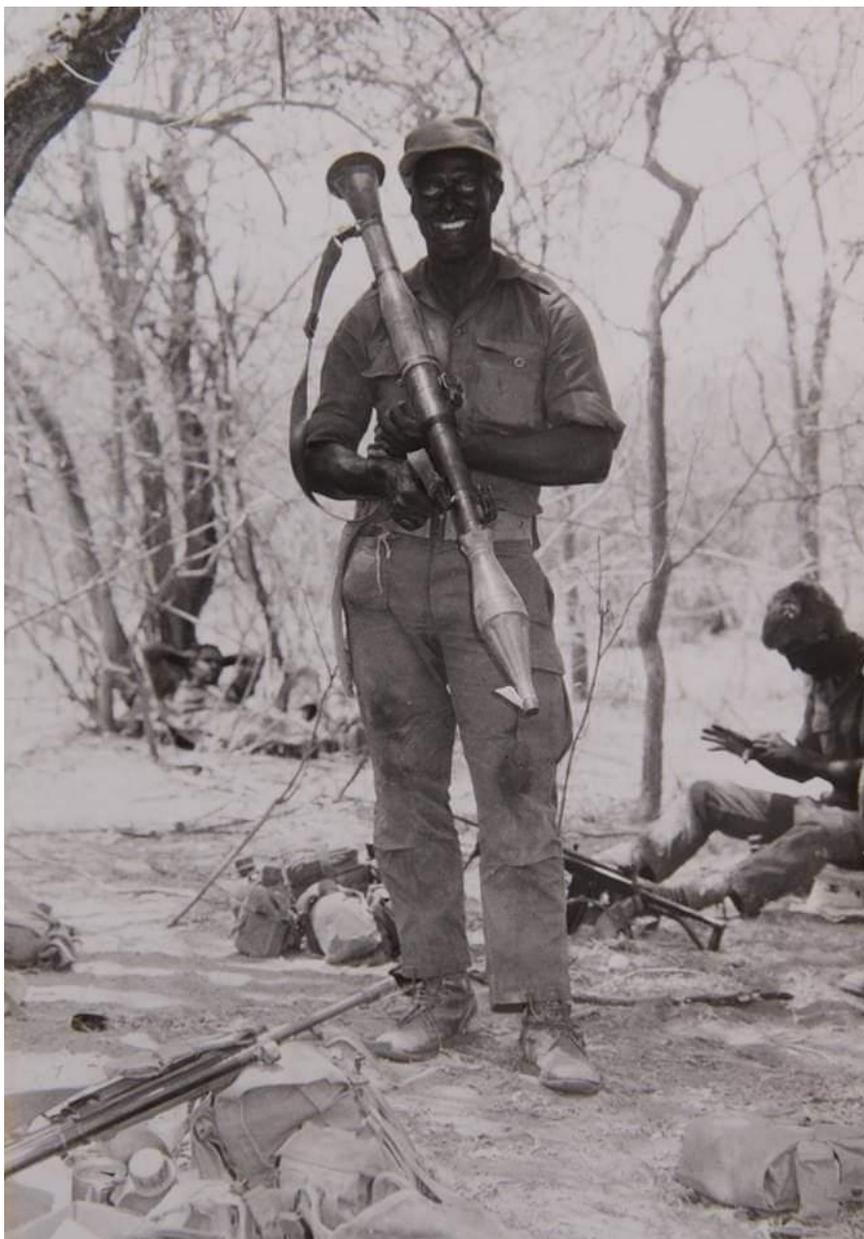
Aspecto de soldados de uma unidade especial



Aspecto de soldados da SADF em preparação para a campanha



**Aspecto de soldados da SADF mascarados numa
preparação para as acções**



Soldados em pausa em campanha



Uma tradição de emascaramento a cor negra para as acções

6



Tropas de uma unidade mecanizada da SADF em operações clássicas

7



Aspecto de tropas negras chefiadas por brancos durante as suas campanhas em Angola

8



Ataque a Cassinga, o massacre de 1978/Huila.

9



Aspecto de soldados abivacados



Um soldado negro e outro branco em campanha



Um comando especial equipado para as acções



**Uma dotação junto a peça de Morteiro 50 mm na
posição de fogo**

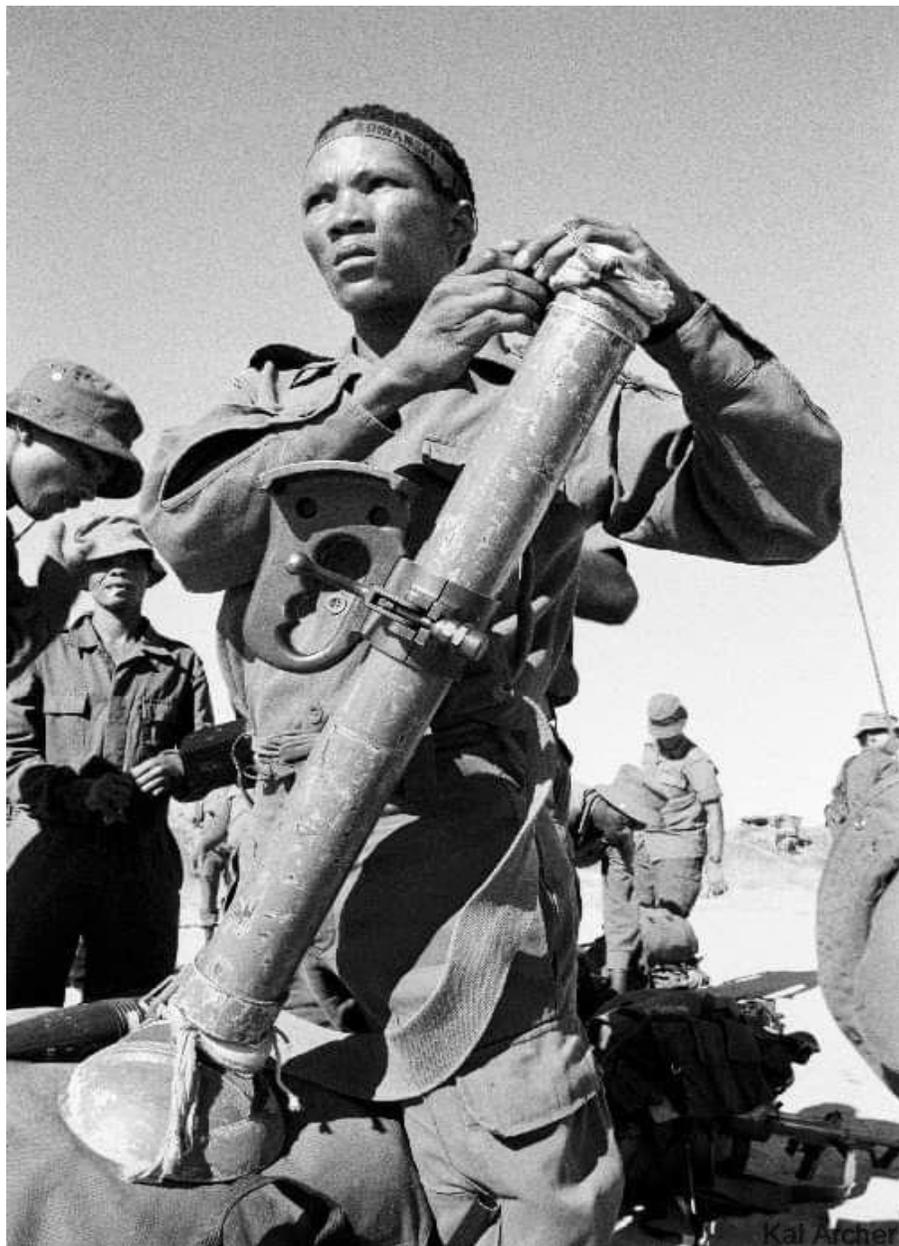


Soldados junto de um carro de transporte de infantaria

13



**Aspecto de uma subunidade da SADF em driling
numa parada**



**Unidade de kungue portadores de uma peça de
morteiro de 50 mm.**

15



Soldados da SADF posicionando uma peça AA.

16



**Helicópteros em apoio a uma coluna de tropas da
SADF**

173



Um soldado bóer examinando meios técnicos



Coluna mista num Alto



Soldados da SADF em campanha



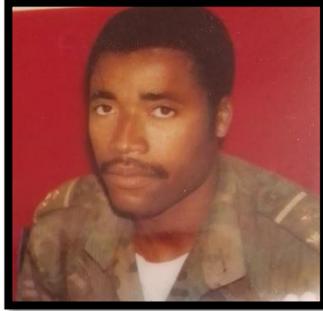
Aspecto das tropas do Esquadrão Charle da SADF

21



Aspecto de engenho blindado destruído em trincheira

SOBRE O AUTOR



I-Dados pessoais

Nome: Francisco Coelho Matroquela

Posto: Coronel de Infantaria

NIP: 42395993

Estado civil: Casado

Data de nascimento: 02.04.1959

Filiação: José Matroquela e Bendi Chandikua

Naturalidade: Matala-Huila

Nacionalidade: Angolana

Telefone: 924039625 / 937684340

II-Perfil Académico

- Licenciatura em Ciências Políticas e Relações Internacionais pelo ISPEKA-Luanda;
- Agregação Pedagógica para Docentes Universitários pela Universidade Óscar Ribas (UOR) Lda;

- Curso de Comando e Direcção na ESG;
- Curso de Liderança pós-Moderna
- Formação em língua Inglesa (Advanced) pelo Instituto de Defesa Nacional (IDN) Luanda;
- Formação em docência, pela Academia Internacional de Campanha Marechal da URSS Chapunsiky-Moscovo
- Autor da obra da História de Angola ‘ As Armas Já Cumpriram a sua Missão 2009’;
- Candidato a Mestre em Globalização e Segurança pela ACITE-Luanda.

III- Experiencia de docência

- Instrutor Militar no CIM CMDTE Dack Doy 5ª Região

Politico Militar;

- Professor de Tactica Geral na Escola de oficiais de Unidades Especiais Comdte Raul Dias Arguelles-4ª Região Militar;

- Oficial de Tática do Estado-Maior da 5ª Região Militar;

- 1º Oficial de Preparação Interarmas na DPC-EMG das FAPLA;

- Chefe de Secção de Preparação Combativa da Zona Militar Cunene;

- Chefe de Repartição de Instrução no Comando Operacional do Exercito.

VI- Outras ocupações nas FAPLA e nas FAA

- Chefe do Estado Maior da Zona Militar Namibe;
- Comandante do 1º Regimento de Infantaria Motorizada;
- Chefe do Estado-Maior da Zona Militar Cunene;
- Chefe do Estado-Maior da Zona Militar Cuanza Sul;
- Chefe do Planeamento da Direcção de Operações do Comando do Exercito
- 2º Comandante da 101ª Brigada de Tanques
- Cumpriu dois mandatos (8 anos) nas funções de Chefe de Repartição do Exército na Direcção de Política de Defesa Nacional do Ministério da Defesa.

Lubango aos 23 de Outubro de 2024

O Signatário

Francisco Coelho Matroquela

REFERÊNCIAS

al, A. e. (2013). *Dicionário de Língua Portuguesa Prestígio*. Luanda: Porto Editora.

Angolanas, Forças Armadas. (2014). *Segurança Nacional e Desafios*. Luanda: Mayamba.

Baluartes da Paz, Ministério da Defesa 1988. (1988). *Baluartes da Paz*. Paris: Berger Livrrault.

Bello, J. L. (2009). *Metodologia Científica*. Rio de Janeiro: Do autor.

Borba, A. d. (2005). *A Teoria da Paz e a Prevenção de Conflitos*. Santa Catarina: Do Autor.

Branco, L. C. (2003). *As Missões das Nações Unidas na África Austral*. Luanda: Do Autor.

Breytenbach, J. (2004). *The Buffalo Soldiers*. República Sul-Africana: Galago Publishing, 2ª ed.

Casimiro, S. (2011). *Maquis e Arredores*. Luanda: Mayamba.

CCPM. (2002). *Memorando de Entendimento Complementar ao Protocolo de Lusaca*. Luanda: Dos autores.

Colectivo de autores, Guerra Colonial. (1981). *Guerra Colonial*. Lisboa: Edição do Diários de Notícias.

Douglas Wheeler, R. P. (2013). *Histórias de Angola*. Lisboa: Tinta da China e Ltda.

Exército Português. (1971). *RC-130-1*. Lisboa: ND.

- Fabiano da Silva, F. C. *Metodologia de Pesquisa (Um Guia Prático)*.
- Filho, J. M. (s.d. de Agosto de 2019). *Orientação Monografias* .
Luanda, Luanda, Talatona: Centro de Formação Saber.
- Filho, J. M. (2019). *Influencia Ideológica dos Movimentos de Libertação Nacional. Lda fevereiro 2019*. Luanda: ADMAC Gráfica Ltda.
- INCC (Realizador). (2006). *A Batalha de Cangamba* [Filme].
- Junior, M. (2018). *Apontamentos sobre a Africa*. Luanda: Gráfica.
- Júnior, M. (2007). *Forças Armadas Populares de Libertação de Angola* . Lisboa: Prefácio.
- Kant, I. (20015). *A Paz Perpetua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70 Ltda.
- Kapuscinsk, R. (1983). *Mais Um Dia de Vida Angola 1975*. Porto : CAMpos de Letras.
- Maijer, G. (2004). *Conciliation Resources*. Luanda: Editorial Palas.
- Manhonga, F. (2015). *Os 55 dias do Huambo*. Luena: Do autor.
- Marques, A. (2013). *Segredos da Descolonização de Angola*. Alfragide-Portugal: Dom Quixote.
- Matross, D. (2013). *A PIDE na Rota de José Mendes de Carvalho*. Luanda: Ed. C. S A/Grupo Leia.
- Matross, D. (2015). *Memorias*. Luanda: N'Zila.

Ministério da Defesa. (1988). *Baluarte da Paz*. Paris: ----- .
Berguer Levrault Internacional.

Ministerio da Defesa Nacional. ((s.d.) de III TRIMESTRE de
2006). *DEFENDER* , p. (n.e.).

Ministério da Defesa Nacional. (26 de Março de 1993). Lei de
Defesa Nacional e das Forças Armadas. Luanda, Luanda,
Luanda: Imprensa Nacional.

N/R. (2006). *A Batalha de Cangamba*. Havana: INCC.

Rodrigues, D. (2003). *Um Exílio sem Regresso*. Luanda: Lito Tipo
& N'Zila.

Sanchez, B. (2008). *Os Sete Caminhos da Reconciliação*. Malange:
Do Autor.

Santos, O. d. (2013). *Os Meus Dias da Independencia*. Luanda:
Texto Editores.

Sierra, L. C. (2010). *Angola e Africa Austral,Abril*. Luanda:
Mayamba.

Sous, F. d. (2005). *Dicionário das Relações Internacionais*. Santa
Maria de Feira: Afrontamento CEEPESE e Outros.

Valentin, J. (2005). *Esperança*. Luanda,1ª ed Lda,Outubro.: Nzila.

W.S.Waals. (2015). *Guerra e Paz*. Maio. Pretória SA: Marta
Ramires.

Zeca, J. (2013). *As Relações Internacionais*. Maputo: Plural
Editores.

FIM

CUNENE A BAINHA PARA A GUERRA SUL- AFRICANA EM ANGOLA

Francisco Coelho Matroquela

EDITORA DIGITAL

"**ÁGUA PRECIOSA**"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS

Francisco Coelho Matroquela

Esta obra está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP", "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

